

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2021

Boletim de **Conjuntura da Bahia**

1º TRIMESTRE DE 2021



GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

Rui Costa dos Santos

SECRETARIA DO PLANEJAMENTO

João Felipe de Souza Leão

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA
BAHIA – SEI

Jorgete Oliveira Gomes da Costa

DIRETORIA DE INDICADORES E ESTATÍSTICA (Distat)

Armando Affonso de Castro Neto

DIRETORIA DE PESQUISAS (Dipeq)

Jonatas Silva do Espírito Santo

COORDENAÇÃO DE ACOMPANHAMENTO CONJUNTURAL (CAC)
(Coordenação Geral)

Arthur Souza Cruz Júnior

COORDENAÇÃO DE PESQUISAS SOCIAIS (Copes)

Guillermo Javier Pedreira Etkin

COORDENAÇÃO DE CONTAS REGIONAIS E FINANÇAS PÚBLICAS
(Coref)

João Paulo Caetano Santos

ELABORAÇÃO TÉCNICA

**Luiz Mário Ribeiro Vieira (Cenário
Internacional, Nacional e Estadual)**

Pedro Marques de Santana (Agropecuária)

**Carla Janira Souza do Nascimento (Produção
Industrial)**

Elissandra Alves de Brito (Comércio Varejista)

Rosângela Conceição (Serviços e Turismo)

**Arthur Souza Cruz e Geraldo Alencar Serra
Neto (Comércio Exterior)**

**João Gabriel Rosas Vieira, Poliana Peixinho e
Marília Jane Campos (Finanças Públicas)**

**João Paulo Caetano Santos, Denis Veloso e
Carol Vieira (Produto Interno Bruto)**

**Luiz Fernando Araújo Lobo (Mercado de
Trabalho)**

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Zélia Maria Abreu Góis

NORMALIZAÇÃO

Eliana Marta Gomes Silva Sousa

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO EDITORIAL
EDITORIA-GERAL

Elisabete Cristina Teixeira Barretto

EDITORIA DE ARTE E DE ESTILO

Ludmila Nagamatsu

DESIGN GRÁFICO

Vinícius Luz Assunção

REVISÃO DE LINGUAGEM

Alcione Zanca

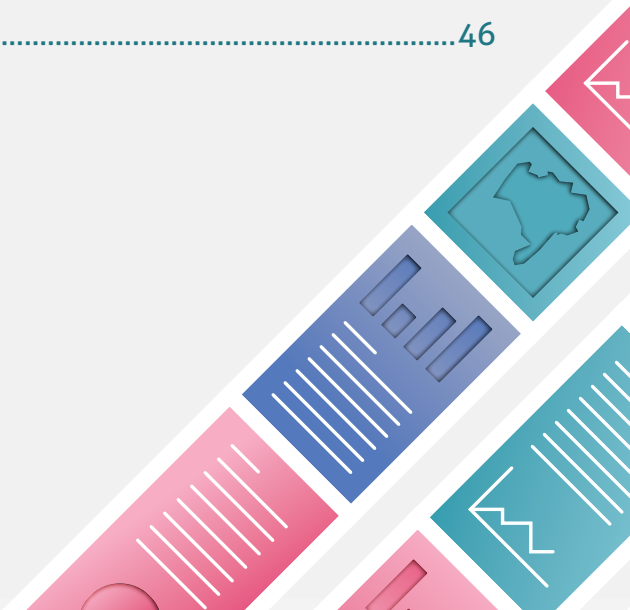
EDITORAÇÃO

Alderlan Oliveira

SUMÁRIO



Panorama Internacional e Nacional.....	5
Internacional.....	5
Nacional.....	8
Estadual	11
Agropecuária.....	14
Bahia	15
Agricultura.....	15
Produção Industrial.....	19
Comércio Varejista	24
Serviços.....	29
Turismo.....	32
Comércio Exterior.....	35
Importações	38
Finanças Públicas.....	41
Produto Interno Bruto (PIB)	43
Economia baiana recua 0,5% no primeiro trimestre de 2021.....	43
Com ajuste sazonal, PIB baiano cresce 1,0%.....	43
PIB em valor corrente	43
1º trimestre de 2021.....	43
Grandes setores	44
Agropecuária	44
Insústria	44
Serviços.....	45
Mercado de Trabalho.....	46



Panorama Internacional, Nacional e Estadual

Luiz Mário Ribeiro Vieira
lmario@sei.ba.gov.br

INTERNACIONAL

A economia global começou o ano de 2021 em ritmo forte, impulsionada pelos Estados Unidos (EUA) e China, porém essa recuperação pode ser dessincronizada entre os países, segundo a diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional (FMI), Kristalina Georgieva. Para o FMI, essa aceleração do crescimento foi, "em parte, devido ao apoio político adicional", incluindo o gigantesco plano de US\$ 1,9 trilhão do presidente dos Estados Unidos, e, "em parte", aos efeitos esperados das campanhas de vacinação em "muitas" economias avançadas. "Tudo depende da trajetória da pandemia", explicou ela, já que o progresso na imunização é desigual e novas cepas do vírus dificultam as perspectivas de crescimento, "particularmente na Europa e América Latina".

Essa heterogeneidade do crescimento das economias fica evidente com os resultados divulgados relativos ao desempenho do primeiro trimestre. As duas maiores economias do mundo, Estados Unidos e China, apresentaram recuperação, enquanto o Japão registrou queda e a Europa entrou em recessão técnica.

A economia dos Estados Unidos cresceu 6,4% no primeiro trimestre de 2021, em dados anualizados. O resultado, que ainda vai passar por duas revisões, foi divulgado pelo escritório oficial de estatísticas (BEA) do Departamento de Comércio dos Estados Unidos. O crescimento foi superior ao registrado no trimestre anterior, de 4,3%. A alta no Produto Interno Bruto (PIB) reflete melhoras nos gastos com consumo pessoal, investimento fixo não residencial, gastos do governo, investimentos fixos residenciais e gastos dos governos estaduais e locais, que foram parcialmente compensados por quedas nos investimentos e exportações privados. As importações, que têm impacto negativo no PIB, cresceram.

O PIB da China avançou 18,3% no primeiro trimestre de 2021 em relação a igual período do ano anterior, segundo o Escritório Nacional de Estatística da China (NBS). A taxa recorde de crescimento foi puxada pelo efeito estatístico causado pelo Coronavírus no primeiro trimestre de 2020. A expansão do PIB nos três primeiros meses do ano superou em muito a alta interanual registrada no último trimestre de 2020, de 6,5%. Na margem, a economia chinesa registrou expansão de 0,6%. O resultado representa desaceleração em relação ao ritmo observado no quarto trimestre de 2020, quando houve crescimento de 2,6% nessa base.

A economia do Japão sofreu uma contração de 1,3% no primeiro trimestre do ano, depois que o governo voltou a impor restrições às principais cidades para conter um novo surto de

Coronavírus. A queda veio depois que a terceira maior economia do mundo cresceu dois trimestres consecutivos, até dezembro, mas a expansão foi desacelerada por um aumento nas infecções de Covid-19.

O governo japonês declarou estado de emergência em várias cidades, em janeiro, conclamando as pessoas a ficarem em casa, o que afetou o consumo e o crescimento, apesar da relativa força do setor manufatureiro.

"O consumo pessoal foi atingido de maneira especialmente dura pelas medidas de emergência contra a Covid-19", explicou Naoya Oshikubo, economista da SuMi TRUST. O especialista acrescentou que é esperada uma recuperação no investimento de capital privado, uma vez que a indústria manufatureira continua forte. Em termos anualizados, a economia japonesa encolheu 5,1% no primeiro trimestre, mais do que a expectativa de contração de 4,6% e após salto de 11,6% no trimestre anterior.

A economia dos 19 países que fazem parte da zona do euro caiu 0,6% no primeiro trimestre deste ano, na comparação com os três meses anteriores, segundo dados divulgados pela Eurostat, a agência oficial de estatísticas do bloco. Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a queda foi de 1,8% na zona do euro, e de 1,7% na União Europeia (UE).

A queda vem após uma retração de 0,7% no 4º trimestre, o que confirmou a entrada da região em uma nova recessão técnica – caracterizada por dois trimestres consecutivos de contração da economia. A zona do euro está em sua segunda recessão técnica desde que a pandemia de Covid-19 começou.

Já incluindo todos os países da UE, a queda foi confirmada em 0,4% no 1º trimestre, após recuo de 0,5% no 4º trimestre do ano passado. O Produto Interno Bruto caiu em todos os maiores países com exceção da França, que teve crescimento de 0,4%.

Os efeitos da pandemia sobre o mercado de trabalho são evidentes, já que afeta diretamente o setor de serviços, que emprega o maior número de pessoas. O número de empregados caiu 0,3% tanto na zona do euro quanto no conjunto dos 28 países que fazem parte da União Europeia. No 4º trimestre, o emprego havia crescido 0,4% nos dois conjuntos, também na comparação com os três meses anteriores. Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, a queda foi de 2,1% na zona do euro e de 1,8% na UE.

A edição de abril do relatório "World Economic Outlook", do FMI, revisou para cima as projeções de crescimento global para 2021 e 2022. A alta deve ser de 6% neste ano e 4,4% no próximo. O aumento é de 0,8 e 0,2 ponto percentual em relação ao relatório de outubro, respectivamente.

Boa parte da melhora das estimativas do FMI para o crescimento mundial em 2021 foi motivada pelas perspectivas bem mais favoráveis para o PIB dos EUA neste ano, que será o principal motor do nível de atividade global. O fundo elevou a previsão para a economia americana de 5,1% para 6,4%, projeção próxima da alta de 6,5% realizada pelo Federal Reserve.

Outro elemento que ajudou na melhora da previsão do FMI para o PIB global neste ano, embora de forma mais modesta, é o forte crescimento da China, que deverá ter expansão de 8,4% neste ano, acima dos 8,1% estimados em janeiro. Para 2022, o fundo manteve a projeção de alta de 5,6%.

Em relação à zona do euro, o FMI estima que o crescimento da região será de 4,4% neste ano, um pouco melhor do que a previsão anterior de 4,2%, embora aponte que o nível de retomada foi prejudicado pela necessidade de adoção de medidas restritivas da economia de diversos países para coibir a disseminação do Coronavírus. A projeção para 2022 é de um crescimento de 3,8%, pouco superior aos 3,6% previstos em janeiro. Para o Japão, o fundo estima uma expansão de 3,3%, acima dos 3,1% projetados anteriormente, enquanto elevou a previsão de 2,4% para 2,5% de alta do PIB japonês em 2022.

A recuperação da economia global impactará positivamente o comércio mundial, segundo estimativa da Agência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad). A entidade aponta agora crescimento de 16% no comércio global em valor para este ano, na esteira de efeitos de pacotes de estímulo fiscal, sobretudo nos países desenvolvidos e da tendência positiva dos preços de commodities. Recentemente, a Organização Mundial do Comércio (OMC) projetou alta de 8% do comércio global de bens em volume em 2021, após queda de 5,3% em 2020.

As duas projeções otimistas vêm, porém, com ressalvas de que muito dependerá das restrições impostas para combater a pandemia de Covid-19, a persistência dos preços mais altos das commodities e da moderação nas barreiras protecionistas.

O FMI ressalta, entretanto, que a vacinação contra a Covid-19 é fator primordial para que os números se tornem realidade. A variável é tão importante que o fundo avisa que um desempenho melhor que o esperado pode dar vigor à recuperação em todo mundo, mas novas variantes que coloquem em xeque a efetividade das vacinas causariam uma severa revisão para baixo. O FMI fez uma série de revisões para cima ao longo de 2020, conforme as economias reagiram à pandemia do Coronavírus. O maior otimismo da instituição após um ano de pandemia tem como pano de fundo, além da ação monetária e das vacinas certa adaptação à "vida em pandemia".

Desde que surgiu a pandemia, o FMI divulga dois cenários alternativos sobre a tendência da economia global em relação às projeções do cenário-base.

Na edição de abril do relatório Perspectiva Econômica Mundial, o cenário mais favorável, que considera vacinação 10% mais veloz pelo globo e que consegue ser eficiente para conter as variantes da Covid-19, o PIB mundial poderá crescer pouco menos de 6,5% em 2021, quase 0,5 ponto porcentual acima da previsão original de 6,0%. Para 2022, o PIB global poderia avançar perto de um ponto porcentual além da estimativa atual de 4,4%.

Por outro lado, no cenário mais desafiador, com atrasos de produção e distribuição de vacinas que levariam a postergar a imunidade coletiva em seis meses nas economias avançadas e em nove meses nos países em desenvolvimento, o crescimento mundial poderia ficar próximo a 4,5% em 2021 e poderia desacelerar mais de um ponto porcentual em 2022, pois avançaria 3,4%, e não os 4,4% previstos pelo FMI.

Ademais, a conjuntura econômica tem mostrado que a economia global vem sendo muito resiliente, a despeito das medidas de restrição à mobilidade e das incertezas relacionadas à pandemia e ao próprio processo de vacinação. Os indicadores de atividade econômica têm surpreendido de maneira positiva, confirmando a expectativa de crescimento prevista pelo FMI para 2021.

Nacional

No primeiro trimestre, a atividade econômica foi afetada pela dinâmica da pandemia, a chamada segunda onda. O número de casos de Covid-19 voltou a aumentar expressivamente, forçando alguns estados a decretarem toque de recolher a partir do fim fevereiro, devido ao sistema de saúde em níveis críticos em algumas regiões.

As novas variantes foram detectadas em vários estados, que para tentar evitar o colapso do sistema de saúde adotaram medidas de fechamento das atividades não essenciais, impactando negativamente a recuperação da atividade econômica, principalmente as atividades ligadas ao setor de serviços. Contudo, a perda de tração nessa segunda onda se mostrou menor do que à observada entre março e abril de 2020. Essa avaliação está embasada na visão de que há uma “curva de aprendizagem”, com empresários e consumidores aprendendo a conviver com o distanciamento físico com menor impacto sobre a atividade econômica.

Ainda assim, os dados da atividade econômica em março, com base nos dados das pesquisas mensais setoriais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apontaram para desaceleração da atividade econômica, por conta da redução da mobilidade, com a produção industrial brasileira caindo 2,4% em março, na comparação com fevereiro. Trata-se da

segunda queda mensal seguida e de um recuo mais intenso do que o observado em fevereiro (-1%). O comércio varejista, seguindo a mesma tendência, teve queda de 0,6% em março na comparação com fevereiro. Na comparação com o 4º trimestre de 2020, a queda foi de 4,3% - segundo trimestre seguido em queda.

O setor de serviços, o mais atingido pela pandemia, também registrou queda em março de 4%, na comparação com fevereiro. Com o resultado, o setor voltou a operar abaixo do nível pré-pandemia. Das cinco atividades do setor de serviços, três registraram queda em março, aquelas que são mais dependentes do atendimento presencial, devido ao recrudescimento das medidas restritivas diante do avanço da pandemia da Covid-19. Na comparação com o primeiro trimestre do ano passado, o setor registrou queda de 0,8%, sendo a quinta queda trimestral seguida ante igual trimestre do ano anterior.

Apesar dessas retrações setoriais, segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), a economia brasileira gerou 184.140 empregos com carteira assinada em março e 836.954 no primeiro trimestre. Na comparação com o mesmo mês do ano passado, foram fechadas 276.350 vagas formais, no início do impacto da pandemia do novo Coronavírus na economia, houve uma melhora considerável. Para o Ministério da Economia, o comportamento do emprego formal, em 2021, ainda sofre influência do Programa Emergencial de Manutenção do Emprego e da Renda de 2020. Isso porque os empregadores, para obterem os benefícios do programa, têm de manter o emprego do trabalhador por igual período de tempo da suspensão do contrato, ou redução da jornada.

Esses resultados setoriais negativos no mês de março foram decisivos para que o PIB do primeiro trimestre não apresentasse um desempenho mais significativo, já que o grande setor serviços que tem peso de cerca de 70% da atividade econômica registrou queda juntamente com o comércio varejista.

Segundo o IBGE, o PIB do primeiro trimestre cresceu 1,2% em relação ao quarto trimestre de 2020, terceira alta consecutiva nessa base de comparação. Embora o ritmo tenha perdido força – a alta foi menor que a registrada nos dois trimestres anteriores, mesmo assim foi suficiente para o PIB voltar ao nível do quarto trimestre de 2019.

Pelo lado da produção, o maior resultado foi da agropecuária (5,7%), embora positivos indústria e serviços cresceram modestamente, 0,7% e 0,4%, respectivamente. Pela ótica da demanda, destaque para os investimentos (Formação Bruta de Capital Fixo) com crescimento de 4,6% e as exportações (3,7%). Diante das restrições da pandemia, fim do auxílio emergencial, desemprego em patamar recorde e da não aprovação do orçamento federal, o consumo das famílias e o consumo do governo caíram 0,1% e 0,8%, respectivamente.

Em relação ao primeiro trimestre de 2020, o PIB cresceu 1,0%, a primeira alta após uma sequência de quatro resultados negativos, taxa acima das previsões, devido à segunda onda que o País enfrenta.

Dois componentes da demanda apresentaram taxas negativas, consumo das famílias (1,7%) e consumo do governo (4,9%). Já os investimentos (1,70%), elevaram a taxa para 19,4% do PIB no 1º trimestre, contra 15,9% no mesmo período de 2020. Os investimentos juntamente com as exportações (0,8%) puxaram a taxa do PIB para cima, enquanto pelo lado da produção apenas os serviços (0,8%) registraram queda, a agropecuária (5,2%) e a indústria (3,0%) cresceram.

No acumulado de quatro trimestres, o PIB do Brasil caiu 3,8%, registrando taxa menor que a do ano de 2020 de -4,1%, maior contração desde o início da série histórica, iniciada em 1996. Os resultados, nessa comparação, mostram uma economia ainda fragilizada pela pandemia, com alto desemprego e ritmo de vacinação muito lento que impedem uma abertura mais acelerada do setor de serviços, mais afetado pela pandemia e também o que gera mais empregos formais e informais.

Em quatro trimestres, pelo lado da produção apenas a agropecuária cresceu 2,3%, indústria (-2,7) e serviços (-4,5%) caíram. Também pela ótica da demanda somente os investimentos cresceram 2,0%, taxa ainda insuficiente para alavancar a retomada do crescimento econômico. Os efeitos negativos da pandemia ficam evidentes nas taxas negativas de: consumo das famílias (5,7%), consumo do governo (5,7%), e exportações (1,0%).

Os resultados aguardados pelo mercado ficaram acima de 1% e 0,8%, nas comparações trimestral e anual, respectivamente. Esse desempenho melhor que o esperado levou a uma onda de revisões das projeções de bancos, corretoras e casas de análise para o desempenho da atividade econômica no ano de 2021.

Na última edição de abril do relatório "World Economic Outlook", o FMI fez um pequeno ajuste na projeção de crescimento da economia do Brasil para este ano. De acordo com o relatório, o FMI calcula crescimento do PIB brasileiro de 3,7% este ano, apenas 0,1 ponto percentual a mais do que o previsto na estimativa de janeiro. Com os resultados do primeiro trimestre, provavelmente essa taxa deve ser revista para cima, embora ainda tenha algumas pedras no caminho, como a terceira onda da pandemia e a crise hídrica que afeta a oferta de energia elétrica e de água potável, embora caso ocorra um racionamento, deve ser menos rigoroso do que o de 2001.

Em relatório mais recente, divulgado no fim de maio, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), aponta o problema da vacinação "lenta" no Brasil como um dos riscos que pesam sobre a recuperação da economia do país.

Em seu relatório semestral com perspectivas para a economia global, a OCDE manteve a previsão de crescimento de 3,7% do PIB brasileiro em 2021. O segundo semestre do ano, nas previsões da organização, deverá ter uma retomada "sólida", impulsionada pelo consumo e pelas exportações, se a campanha de vacinação acelerar e houver melhor controle da propagação do vírus.

A pandemia criou um cenário específico para a crise econômica, afetando com mais profundidade os serviços prestados às famílias, dependentes do contato presencial e que ainda estão bem aquém dos níveis pré-pandemia, como hotelaria, bares, restaurantes e outros.

Na avaliação da OCDE apesar do aumento do desemprego, a taxa de poupança — que teve captação recorde em 2020 por conta das restrições às compras — poderá ajudar a manter o consumo, principalmente do setor de serviços. No primeiro trimestre a taxa de poupança no país atingiu 20,6% do PIB contra 13,4% nos três primeiros meses de 2020, o que deve apoiar o consumo nos próximos trimestres.

Portanto, a dinâmica da Covid-19 segue como o principal risco para o crescimento mais acelerado do PIB em 2021 seja pelo número de casos e de morte, bem como pelo ritmo da vacinação. Outro fator que já entrou nas previsões dos especialistas são as questões de racionamento de energia e água que juntamente com a terceira onda é um componente negativo para trajetória do PIB brasileiro.

ESTADUAL

A atividade econômica na Bahia, com base nos dados das pesquisas mensais do IBGE, referentes ao primeiro trimestre de 2021, sistematizados e analisados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI) teve um desempenho sofrível com a indústria geral, comércio varejista e serviços, apresentando taxas negativas. Dentro do esperado, em razão da Bahia ter sido atingida pela segunda onda do Coronavírus, o governo do estado adota toque de recolher no fim de fevereiro, com o fechamento de estabelecimentos não essenciais o que gera uma redução da movimentação de pessoas, elevando o nível de distanciamento social para tentar reduzir o número de contaminações e de mortes, com efeitos negativos sobre as atividades que dependem fundamentalmente da interação entre as pessoas.

A indústria geral (extrativa mais transformação) apresentou resultados negativos nos três meses do ano, fechando o primeiro trimestre com queda de 17,9% em relação ao mesmo

período de 2020. As principais contribuições negativas vieram das atividades de Veículos (96,0%), explicada pelo fechamento da principal indústria automotiva e de Derivados de petróleo e biocombustíveis (18,3%). Na comparação com o trimestre anterior registrou retração de 13,6% após dois trimestres de recuperação.

As vendas no comércio varejista, diante das restrições impostas pela pandemia apresentaram uma queda modesta de 2,9%, com taxas negativas nos três meses do primeiro trimestre, embora algumas atividades mostrassem fôlego, como Móveis e Eletrodomésticos (20,3%) e Artigos farmacêuticos (11,2%). A atividade Hipermercados, supermercados e produtos alimentícios registrou decréscimo de 9,3%. Esse resultado, na atividade de maior peso, demonstra como o fim do auxílio emergencial reduziu à demanda por produtos básicos, com efeitos negativos sobre todo comércio varejista baiano.

O setor de serviços foi mais afetado pelas medidas adotadas para controlar à pandemia do novo Coronavírus, além do cancelamento das festas populares e do carnaval, a partir de fevereiro. Essas medidas afetaram o resultado do setor no primeiro trimestre que caiu 9,8%.

O crescimento do setor de serviços em março na comparação com fevereiro pode ser um sinal da capacidade de recuperação do setor em que todas as medidas de contenção do vírus estavam em vigor. É muito elevada à demanda reprimida pelas atividades do setor, que fica evidente com a queda de 23,0% dos Serviços prestados às famílias no trimestre e 44,5% em 12 meses.

As boas notícias estão relacionadas à geração de empregos e as perspectivas de um bom desempenho da Agricultura e das Exportações.

Em março de 2021 a Bahia liderou a geração de emprego no Nordeste, com a criação de 9.820 postos de trabalho com carteira assinada. Especialmente, na Região Metropolitana de Salvador (RMS) foram criados 2.488 postos de trabalho (25,3%), e no interior foram geradas 7.332 posições celetistas (74,7%). No primeiro trimestre do ano, o saldo é de 42.718 postos de trabalho.

O quarto Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA) manteve estimativa da produção de cereais, oleaginosas e leguminosas, na Bahia, em 10 milhões de toneladas em 2021. Esse resultado representa o mesmo patamar na comparação com a safra 2020, que foi o melhor resultado da série histórica da pesquisa. Em relação ao levantamento do mês anterior, o resultado apresentou uma variação positiva de 0,5 ponto percentual. Destaque positivo para a lavoura da soja, cuja produção pode alcançar a máxima histórica.

As exportações também obtiveram bom resultado até abril com crescimento de 7,5% sobre igual período do ano anterior. A combinação de preços de commodities em alta, boa safra agrícola, perspectiva de recuperação acelerada de mercados compradores e depreciação cambial deve resultar em um bom desempenho para o setor exportador este ano, principalmente de produtos primários.

Diante dos resultados negativos dos setores pesquisados, as taxas do Produto Interno Bruto da Bahia surpreenderam com crescimento de 1,0% no primeiro trimestre em relação ao quarto de 2020. Na comparação com o primeiro do ano passado, o PIB caiu 0,5%, e o setor de serviços e a indústria puxaram essa retração, já que representam mais de 90% do PIB da Bahia, com quedas de 0,2% e 3,3, respectivamente. Mais uma vez, a Agropecuária foi destaque positivo com uma expansão de 6,8% o que ajudou a amenizar a queda da atividade econômica no primeiro trimestre.

As perspectivas para o próximo trimestre ainda são de um desempenho modesto da atividade econômica pelo nível ainda muito elevado de casos e mortes pelo novo Coronavírus, além do ritmo lento da vacinação em segunda dose, que impedem uma recuperação mais vigorosa da indústria, comércio varejista e dos serviços.

Para o ano de 2021, as projeções sinalizam para um crescimento do PIB que vai depender, fundamentalmente, do controle da pandemia e do número de vacinados em relação à população, possibilitando a reabertura das atividades em que o contato presencial é quase indispensável, como hotelaria, bares, restaurantes, serviços prestados às famílias, componentes do setor de serviços que ainda estão bastante deprimidos.

O crescimento das diversas atividades no segundo semestre deverá compensar o desempenho do setor industrial, afetado pelo encerramento das atividades da fábrica da Ford em Camaçari, na RMS, e suas possíveis consequências.

Outra questão que já começa a entrar nas análises dos especialistas sobre o desempenho do PIB em 2021 está ligada ao racionamento de energia e água. Se ocorrer problemas de água ou de fornecimento de energia, pode haver impacto negativo na atividade econômica que ainda não se recuperou da pandemia. Por enquanto o impacto estaria restrito à inflação com a elevação da bandeira tarifária sobre as contas de luz, mas a questão do racionamento de energia também deve ser acompanhada de perto, dado o potencial de afetar a economia brasileira e baiana no último trimestre do ano.

AGROPECUÁRIA

Pedro Marques de Santana
pedromarques@sei.ba.gov.br

Os primeiros meses de 2021 foram marcados pelo agravamento da crise sanitária provocada pela pandemia do Sars-CoV-2, no Brasil, o que trouxe a necessidade de reforçar medidas de restrições à circulação de pessoas e a atividades comerciais específicas. Não obstante, o setor agropecuário deverá manter, no ano corrente, o bom desempenho observado em 2020, determinado, principalmente, pela produção recorde de grãos.

As expectativas são corroboradas pelos levantamentos de safra realizados pelos órgãos oficiais. A produção nacional de grãos pode atingir, em 2021, o volume recorde pelo terceiro ano consecutivo, seja medido pela série histórica do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), seja pela da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab).

De acordo com o IBGE¹, a safra 2021 de cereais, oleaginosa e leguminosas² pode alcançar 264,9 milhões de toneladas (t), o que supera em 4,2% a safra de 2020. Para a Conab³, a produção de grãos no país está estimada em 271,7 milhões de toneladas, 5,7% ou 14,7 milhões de toneladas, superior ao produzido na temporada 2019/20. A área plantada (68,6 milhões hectares) teve crescimento estimado de 4,1% ou 2,7 milhões de ha, na mesma base de comparação. A expansão novamente será puxada pela soja (135,4 milhões t), cuja colheita poderá ser superar em 8,5% à da safra 2019/2020.

O Instituto de Economia Aplicada (Ipea) projeta um crescimento anual de 2,2% do valor adicionado do setor em relação a 2020, subdividido entre a produção vegetal (2,3%) e a produção animal (1,9%)⁴.

1 LEVANTAMENTO SISTEMÁTICO DA PRODUÇÃO AGRÍCOLA. Rio de Janeiro: IBGE, mai. 2021. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/home/lspa/bahia>. Acesso em: 20 mai. 2021.

2 Cereais, oleaginosas e leguminosas: algodão (caroço de algodão), amendoim, arroz, aveia, centeio, cevada, feijão, girassol, mamona, milho, soja, sorgo, trigo e triticale.

3 ACOMPANHAMENTO DA SAFRA BRASILEIRA DE GRÃOS: safra 2020/21. Brasília: CONAB, v. 8, n. 8, mai. 2021. Oitavo levantamento. Disponível em: <https://www.conab.gov.br/info-agro/safra/graos>. Acesso em: 25 mai. 2021.

4 Para maiores detalhes: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/210323_cc_50_nota_24_pib_agro.pdf.

Bahia

Agricultura

O quarto Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA), realizado pelo IBGE e sistematizado pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), relativo a abril deste ano, manteve estimativa da produção de cereais, oleaginosas e leguminosas, na Bahia, em 10 milhões de toneladas em 2021, o que representa o mesmo patamar na comparação com a safra 2020 – que foi o melhor resultado da série histórica da pesquisa.

Em relação ao levantamento do mês anterior, o resultado apresentou uma variação positiva de 0,5 ponto percentual. Destaque positivo para a lavoura da soja, cuja produção pode alcançar a máxima histórica. Por outro lado, os demais principais grãos deverão ter níveis de produção inferiores aos de 2020.

As áreas plantada e colhida ficaram ambas estimadas em 3,17 milhões de hectares, o que corresponde, nas projeções do IBGE, a uma expansão de 1,7% na comparação interanual. Dessa forma, a produtividade média estimada para a safra de grãos, no estado, foi de 3,17 t/ha, 1,6% inferior à do ano passado.

A produção de algodão (caroço e pluma), em 2021, manteve a projeção em torno de 1,2 milhão de toneladas, que representa retração de 18,5% na comparação anual. A previsão de área plantada está em 266 mil ha, recuo de 15,6% na mesma base de comparação.

A soja, cuja fase de colheita está em andamento, teve sua estimativa revisada para 6,6 milhões de toneladas - a maior da série histórica do levantamento –, alta de 8,4% em relação a 2020. A estimativa da área plantada soma 1,7 milhão ha, que supera em 4,9% a de 2020, e o rendimento médio esperado da lavoura é de 3,8 t/ha.

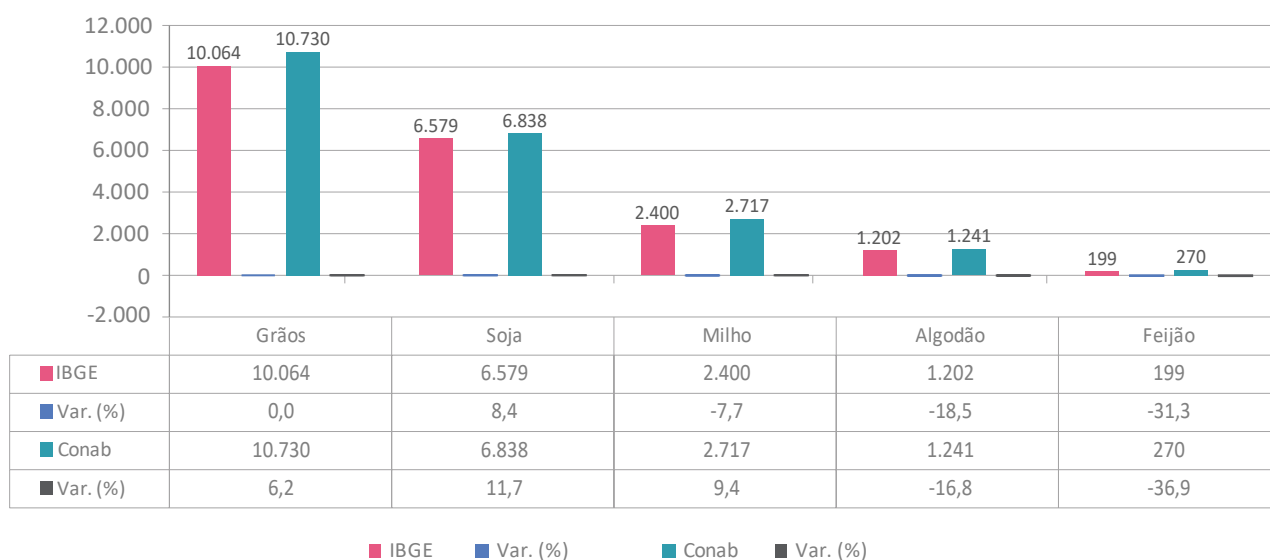
A expectativa para as duas safras anuais de milho totalizou 2,4 milhões de toneladas em 2021, o que corresponde ainda a uma retração de 7,7% na comparação anual. Com relação à área plantada (635 mil ha), o IBGE indica uma expansão de 1,8% sobre 2020.

Na atual temporada, a produção total de feijão deve somar 199,2 mil toneladas, o que implica um recuo 31,3% em relação a 2020. Apesar disso, o levantamento revela uma área plantada (435 mil ha) 3,1% superior à verificada no ano passado. A má distribuição de chuvas no começo deste ano é possivelmente o principal determinante do resultado da lavoura, cuja produção é predominantemente em área não irrigada.

Gráfico 1

Estimativas comparadas da safra de grãos

Bahia – 2021/2020



Fonte: Acompanhamento da Safra Brasileira de Grãos (2021) e Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Nota: valores em mil toneladas.

Os dados da Conab⁵, em seu oitavo levantamento, apontaram uma produção de 10,7 milhões de toneladas de grãos na Bahia para a safra 2020/2021, o que representa uma alta de 62% em relação ao ciclo 2019/2020. Esse resultado amplia a expectativa de expansão da safra de grãos em 3,1 p.p. sobre o levantamento anterior. Novamente, as revisões das estimativas para as safras de soja e de milho exerceram o maior impacto sobre o resultado.

A área plantada total estimada somou 3,19 milhões ha, com variação positiva (3,0%) na comparação com o ciclo anterior. O rendimento médio esperado, portanto, ficou calculado em 3,36 ton/ha, que corresponde a uma alta de 3,2% sobre a safra passada (Tabela 2).

A produção de algodão, projetada em 1,24 milhão de toneladas corresponde a uma queda de 16,8%, na comparação com a safra anterior. A área plantada ficou estimada em 267 mil ha, 14,9% inferior à do ciclo anterior.

⁵ Os dados levantados pela Conab seguem a temporalidade do calendário-safra, que vai de outubro do ano corrente a setembro do ano seguinte, diferentemente do IBGE, que tem o ano civil como referência para fins de levantamento da produção agrícola.

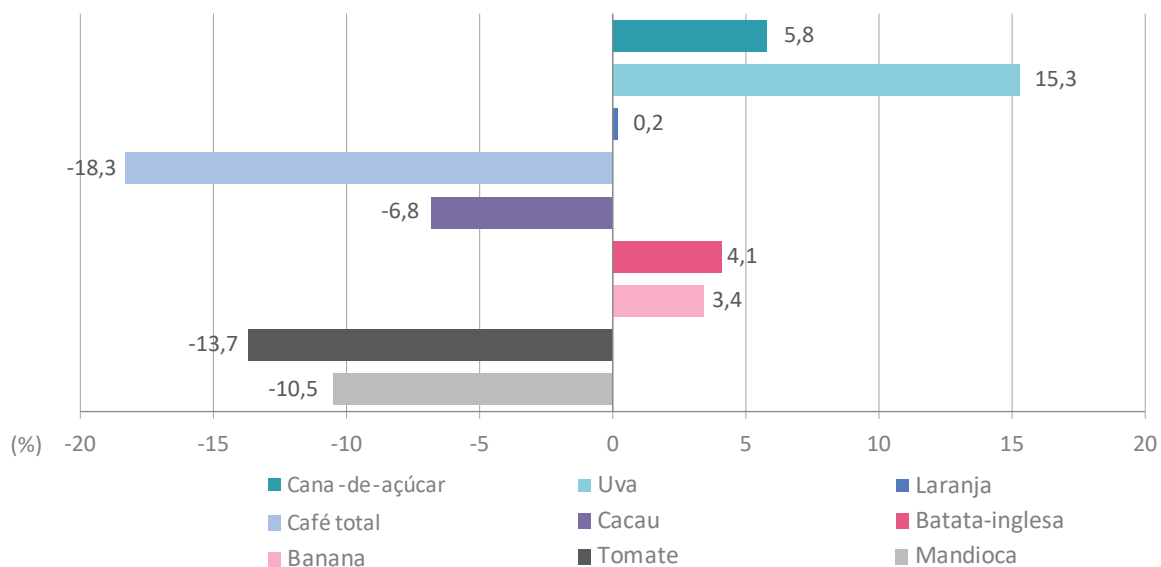
Para a soja, a Conab estima que a produção pode alcançar 6,8 milhões de toneladas, resultado que supera em 11,7% à do período anterior. A expansão da área plantada (5,0%) está associada ao bom nível de rentabilidade esperada pelos produtores no ciclo atual.

A mesma situação ocorre com as expectativas sobre a safra de milho, que pode alcançar 2,7 milhões de toneladas, de acordo com os números revisados pela Conab. A área plantada estimada totalizou 701 mil ha, o que supera em 18,2% aquela verificada na lavoura 2019/2020.

Por sua vez, a estimativa para o feijão manteve-se na situação de recuo frente à safra passada. A Conab prevê, portanto, uma produção anual de 244 mil toneladas, o que representa uma queda de 36,9%. Estima-se que a área plantada com a leguminosa ocupe 406 mil ha, e sua produtividade média alcance 602 kg/ha na temporada 2020/2021.

Gráfico 2

Variação anual da produção de outras lavouras permanentes e temporárias Bahia – 2021/2020



Fonte: Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (2021).
Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Para a lavoura da cana-de-açúcar, o IBGE estima 5,4 milhões de toneladas, alta de 5,8% em relação à safra anterior. A estimativa de cacau ficou projetada em 110 mil t, queda de 6,8% na comparação com 2020.

A estimativa deste ano para o café ficou em 201,0 mil toneladas, 18,3% abaixo da produção verificada no ano passado. A safra do tipo arábica ficou projetada em 80,8 mil t, variação negativa anual de 33,0%, e a da *canéfora*, em 120,2 mil t, correspondendo a uma retração de 4,2%, na mesma base de comparação.

As estimativas para as lavouras de banana (878,5 mil t), laranja (634,3 mil t) e uva (52,3 mil t) registraram, respectivamente, variações positivas de 3,4%, 0,2% e 15,3%, em relação à safra anterior.

As projeções ainda indicam uma produção de 861,5 mil toneladas de mandioca, 10,5% inferior à de 2020. A batata-inglesa teve sua produção estimada em 208,2 mil toneladas, crescimento interanual de 4,1%. O tomate teve queda nas projeções (13,7%), que ficaram estimadas em 208,2 mil toneladas.

PRODUÇÃO INDUSTRIAL

Carla Janira Souza do Nascimento
carlajanira@sei.ba.gov.br

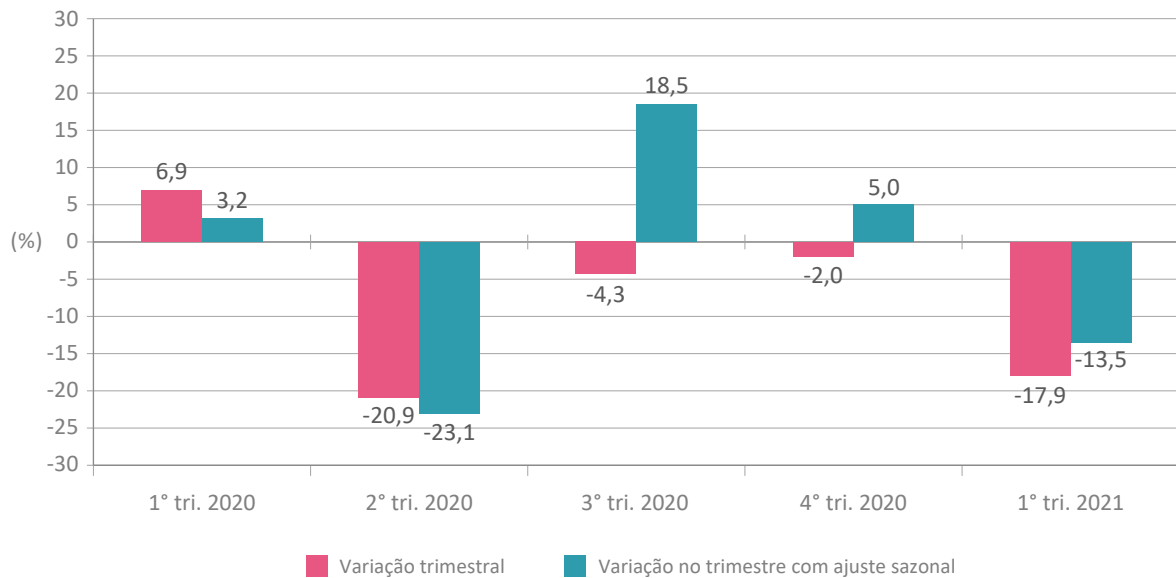
O ano de 2021 inicia-se com várias incertezas para o setor industrial baiano. De um lado, a confiança dos empresários caiu vários pontos desde o agravamento da pandemia em fevereiro, pois muitas empresas reduziram a produção, diante de uma incerteza muito grande. A segunda onda de Covid-19 se apresenta com crescente número de contaminados, ameaçando mais uma vez a demanda por produtos industrializados localmente. Porém o nível de incerteza é menor neste ano do que em 2020, pois os empresários já viram que a retomada econômica em 2020 foi rápida após a liberação das atividades. Ademais, em 2021 também há a expectativa de que a vacinação da população resolva a crise sanitária.

De outro, o encerramento das atividades na indústria de automóveis instalada no estado, além de reduzir a produção de veículos, também, afeta fornecedores de insumos locais. E, por fim, a venda da refinaria de petróleo, implica em um cenário difuso para o setor de derivados de petróleo no estado.

O indicador da produção física da indústria (extrativa e de transformação) baiana, com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal (PIM) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 2021, registrou, no primeiro trimestre deste ano, queda de 17,9%, taxa inferior à observada no quarto trimestre (-2,0%), ambas taxas comparadas ao mesmo período do ano anterior, conforme dados ilustrados no Gráfico 1. Por sua vez, a produção industrial do país registrou aumento de 4,4% no primeiro trimestre de 2021, em relação ao mesmo período do ano anterior.

A flexibilização das medidas de distanciamento social no segundo semestre de 2020 permitiu o retorno às atividades de linhas de produção, que foram paralisadas pela pandemia de Covid-19. Entretanto, com base nos indicadores de produção física, com ajuste sazonal, observamos a reversão da trajetória de crescimento entre o quarto trimestre de 2020 e primeiro trimestre de 2021 que registraram variações de 5,0% e -13,5%, respectivamente, na comparação com os trimestres exatamente anteriores.

Gráfico 1
Produção física industrial
Bahia – 1º tri. 2020-1º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

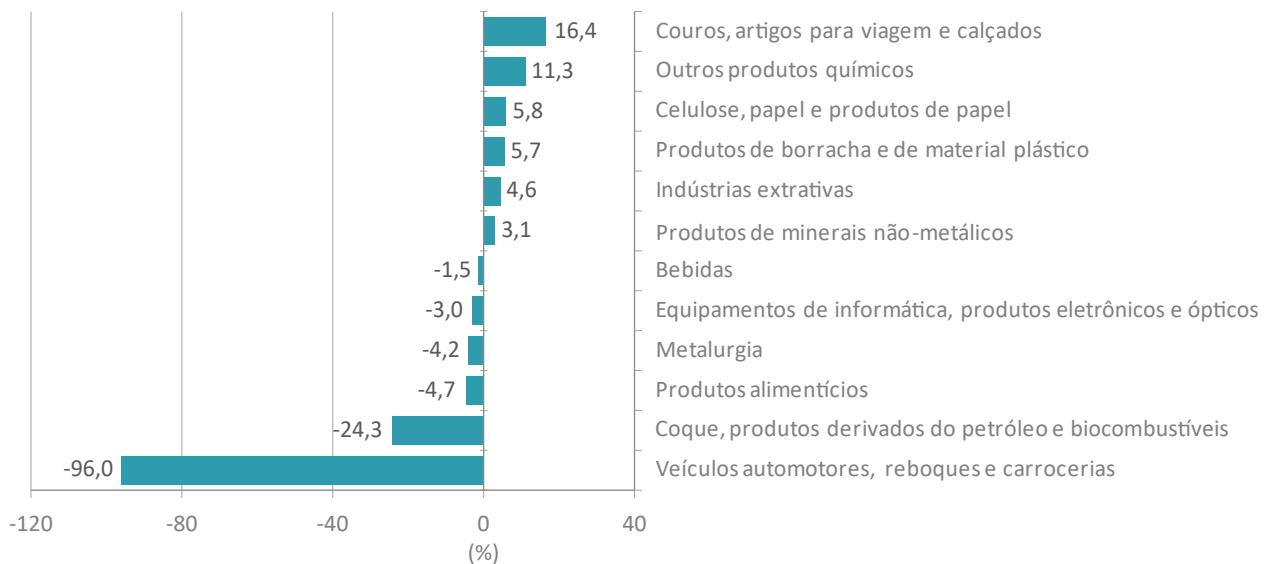
Nota: Variação no trimestre em relação ao mesmo período do ano anterior.

Variação no trimestre em relação ao trimestre anterior.

O avanço na intensidade de perda, observada no total da produção industrial na passagem do quarto trimestre de 2020 para o primeiro trimestre de 2021, foi explicada, principalmente, pela perda de ritmo dos setores de Veículos automotores, reboques e carrocerias, de -25,5% para 96,0%; Derivados de petróleo e biocombustíveis, de -5,8% para -24,3%; Metalurgia, de -0,7% para -4,2%; e Bebidas, de 9,9% para -1,5%, todas as comparações em relação ao mesmo período do ano anterior.

A análise do desempenho das atividades da indústria evidencia os elementos para o declínio mais intenso após a leve retomada no quarto trimestre. Na comparação trimestral, metade dos segmentos da indústria baiana registra recuo na produção, conforme dados ilustrados no Gráfico 2.

Gráfico 2
Produção física da indústria por setores de atividade
Bahia – Jan.-mar. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Industrial Mensal (2021).

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Considerando-se os segmentos que mais influenciaram o resultado negativo da indústria baiana tem-se, inicialmente, o setor Veículos que teve as atividades da unidade de produção local de automóveis encerradas em janeiro de 2021. No primeiro trimestre do ano, a produção caiu 96,0%. Segundo a montadora, a decisão de encerrar a produção no estado foi motivada por processo de reestruturação global da empresa (Ford Media Center, 2021).

A indústria de Derivados de petróleo apresentou a segunda maior contribuição para a taxa negativa da indústria baiana no período, impulsionada pela queda na produção de óleo combustível, óleo diesel e naftas para petroquímica.

O setor de Produtos alimentícios apresentou queda de 4,7% no trimestre. Na Bahia, houve queda, principalmente, na produção de farinha de trigo, óleo de soja refinado e biscoitos e bolachas.

O setor Metalúrgico foi impactado, principalmente na produção de cobre com redução na produção de barras, perfis e vergalhões de cobre e de ligas de cobre. Ao mesmo tempo, o setor vem sendo afetado pelo encerramento das atividades de unidade fabril de ferroligas de manganês que ocorreu em fins de 2020 (VALE, 2020).

A indústria de Bebidas, que teve recuperação observada nos terceiro e quarto trimestres, com taxas de 20,1% e 9,9%, respectivamente, comparadas ao mesmo período do ano anterior, reverteu o crescimento e apresentou queda de 1,5% no trimestre, impactada pela queda na produção de refrigerantes e águas minerais naturais.

A principal contribuição positiva para o acumulado no ano veio do setor de Produtos químicos, que apresentou aumento de 11,3% no ano, atribuído, principalmente, ao crescimento na produção de princípios ativos para herbicidas, propeno não saturado e adubos ou fertilizantes com nitrogênio, fósforo e potássio (NPK).

O setor de Couro e calçados foi um dos setores mais afetados da indústria baiana durante a pandemia, com encerramento de atividades por algumas empresas de calçados e demissão de vários funcionários. Porém, a abertura do varejo físico a partir do segundo semestre de 2020 foi fundamental para a recuperação gradual do setor, no quarto trimestre de 2020 o setor alcançou crescimento de 6,4%, em relação ao mesmo período do ano anterior. No primeiro trimestre de 2021, o setor manteve o crescimento observado no último trimestre de 2020, e alcançou taxa de 16,4%.

A produção de Celulose e papel foi maior em decorrência do aumento na demanda por celulose, principalmente, devido ao aquecimento dos segmentos de papel *tissue*, de uso doméstico; papel cartão e papéis especiais, utilizados em embalagens; e papéis gráficos, que tem a demanda sazonalmente aquecida no período (SUZANO, 2021). Assim, o setor cresceu no quarto trimestre de 2020 e no primeiro trimestre deste ano, respectivamente, 7,6% e 5,8%.

Por sua vez, o segmento de Borracha e material plástico, com aumento de 5,7%, teve o desempenho influenciado principalmente pelo aumento na produção de pneus novos para automóveis, caminhões e ônibus, mas houve também crescimento na produção de materiais plásticos utilizados em embalagens plásticas.

A produção de Minerais não metálicos, que avançou 3,1%, foi impactada pela melhora do setor da Construção, o que aumentou, principalmente, a produção de elementos pré-fabricados para construção civil de cimento ou concreto, ladrilhos, placas e azulejos de cerâmica p/ pavimentação ou revestimento esmaltados, massa de concreto e argamassa.

A indústria Extrativa, de acordo com o IBGE (PESQUISA INDUSTRIAL MENSAL, 2021), cresceu 4,6% no primeiro trimestre de 2021, principalmente em decorrência do aumento na produção de minérios de cobre em bruto ou beneficiados; magnésia, outros óxidos de magnésio; e carbonato de magnésio natural e gás natural.

Entre os fatores negativos que contribuem para queda da produção industrial baiana tem-se: os elevados estoques que acarretam em atraso para novas encomendas em determinadas atividades industriais; a escassez e encarecimento dos insumos para algumas indústrias, que desencadeia atrasos em toda a cadeia produtiva; e a redução dos recursos do auxílio emergencial para a população de baixa renda.

Por sua vez, os aspectos positivos para a indústria baiana em 2021 estão relacionados aos segmentos direcionados à demanda externa, para os países asiáticos, parte da Europa e Estados Unidos, que avançam mais rapidamente no processo de imunização da população, e contribuem no sentido de impulsionar o crescimento da demanda mundial. E, também, o aumento nos preços das commodities que favorecem a competitividade de parte do setor produtivo local.

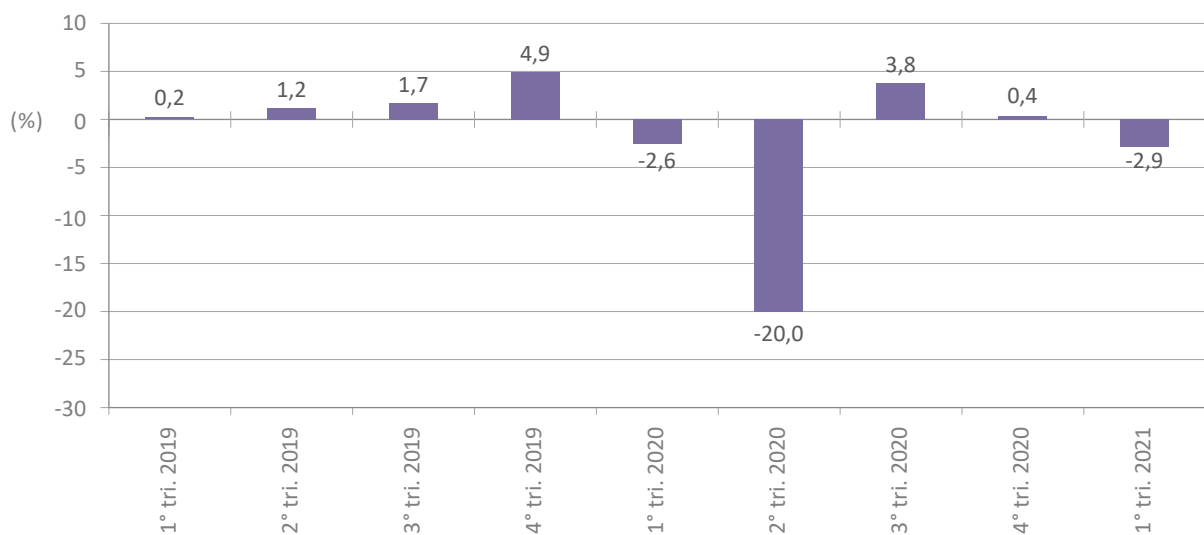
Comércio Varejista

Elissandra Alves de Brito
elissandra@sei.ba.gov.br

O comércio varejista registrou recuo nas vendas no primeiro trimestre de 2021. O agravamento da pandemia, elevação da inflação, a aprovação do valor pago para o auxílio emergencial abaixo do esperado e aumento da taxa de juros foram determinantes para a queda dos negócios. Com a instabilidade no cenário econômico, o consumidor tem adotado um comportamento cauteloso nos seus gastos, o que reforça a tendência de queda nos números do setor.

No primeiro trimestre de 2021, de acordo com a Pesquisa Mensal do Comércio (PMC), divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o volume de vendas do comércio varejista registrou queda de 2,9%, em relação a igual trimestre do ano anterior (Gráfico 1). Nessa mesma base de comparação, o varejo nacional apresentou taxa negativa de 0,6%.

Gráfico 1
Volume de vendas do comércio varejista
Bahia – 1º tri. 2019-1º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

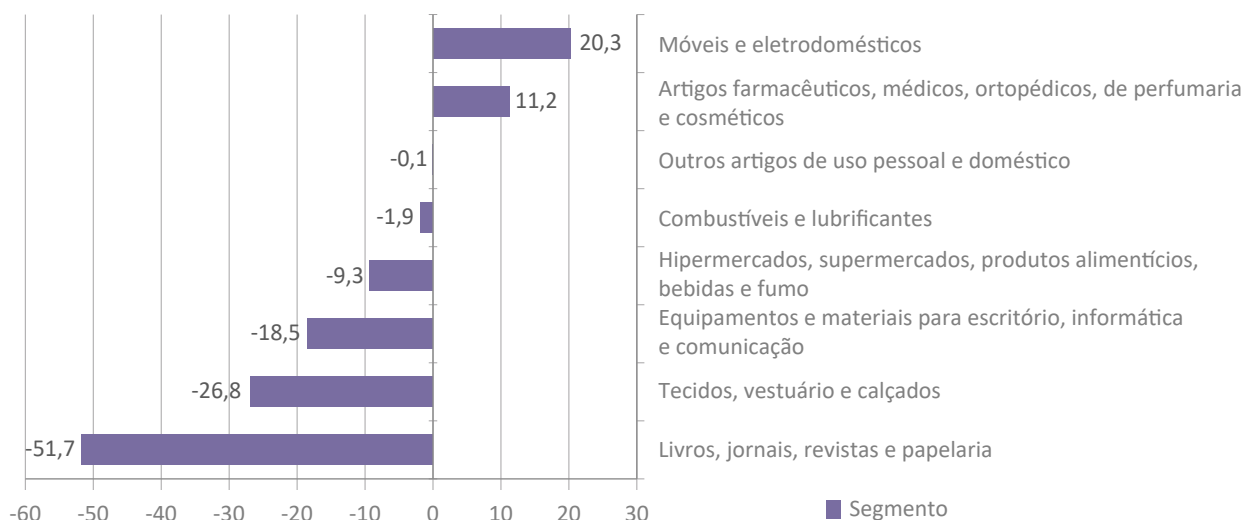
Neste trimestre, o comportamento das vendas revelou que o setor continua refletindo fortemente os impactos da pandemia provocados pelo novo Coronavírus. As medidas de restrição total das atividades não essenciais adotadas pelo governo do Estado com

a finalidade de conter o avanço da Covid-19, verificadas no final do mês de fevereiro se refletiram nos resultados das vendas neste período. Das oito atividades que compõem o setor, somente duas apresentaram comportamento positivo nas vendas, são elas: *Móveis e eletrodomésticos* (20,3%), e *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* (11,2%). As demais registraram quedas nas vendas, inclusive a atividade de *Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo* (-9,3%), segmento de maior representatividade para o setor de comércio varejista (Gráfico 2).

Gráfico 2

Volume de vendas do comércio varejista(1)

Bahia – 1º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.

Elaboração: SEI/CAC.

Nota: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo registrou, na Bahia, retração de 9,3% no trimestre. No subgrupo *hipermercados e supermercados* houve recuo de 6,1%, na mesma base de comparação. A despeito da sua relevância para o setor, a redução registrada no volume de vendas na atividade geral se deve ao aumento de preços dos alimentos que compõem a cesta básica. Além do que, no início da pandemia, as vendas de supermercados tiveram forte alta em razão de muitos consumidores comprarem a mais para fazer estoque, em casa, dos produtos comercializados por essa atividade, fato que numa base de comparação recaí sobre o resultado apontado para as vendas da atividade no trimestre.

No acumulado do ano, o comportamento de *Móveis e eletrodomésticos* e *Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos, de perfumaria e cosméticos* foram responsáveis por atenuar a intensidade do recuo nas vendas do varejo baiano no período. O primeiro foi influenciado pelos efeitos psicológicos sobre os consumidores com a chegada das vacinas contra a Covid -19, e a avaliação do Governo Federal e o Congresso Nacional para a liberação de uma nova etapa do auxílio emergencial durante três meses. O segundo teve seu negócio estimulado pela manutenção da demanda por produtos que elevem a imunidade, dado o aumento de casos de infecção provocada pelo Coronavírus e de uma desaceleração nos preços dos produtos comercializados no ramo (Tabela 1).

Tabela 1

**Volume de vendas do comércio varejista – no acumulado do ano
Bahia – 2021(1)**

Atividade	(%)
Comércio Varejista	-2,9
1 - Combustíveis e lubrificantes	-1,9
2 - Hipermercados, supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo	-9,3
2.1 - Hipermercados e supermercados	-6,1
3 - Tecidos, vestuário e calçados	-26,8
4 - Móveis e eletrodomésticos	20,3
4.1 - Móveis	17,1
4.2 - Eletrodomésticos	21,7
5 - Artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria	11,2
6 - Equipamentos e material de escritório, informática e comunicação	-18,5
7 - Livros, jornais, revistas e papelaria	-51,7
8 - Outros artigos de uso pessoal e doméstico	-0,1
Comércio Varejista Ampliado(2)	-0,7
9 - Veículos, motos, partes e peças	5,6
10 - Material de construção	0,9

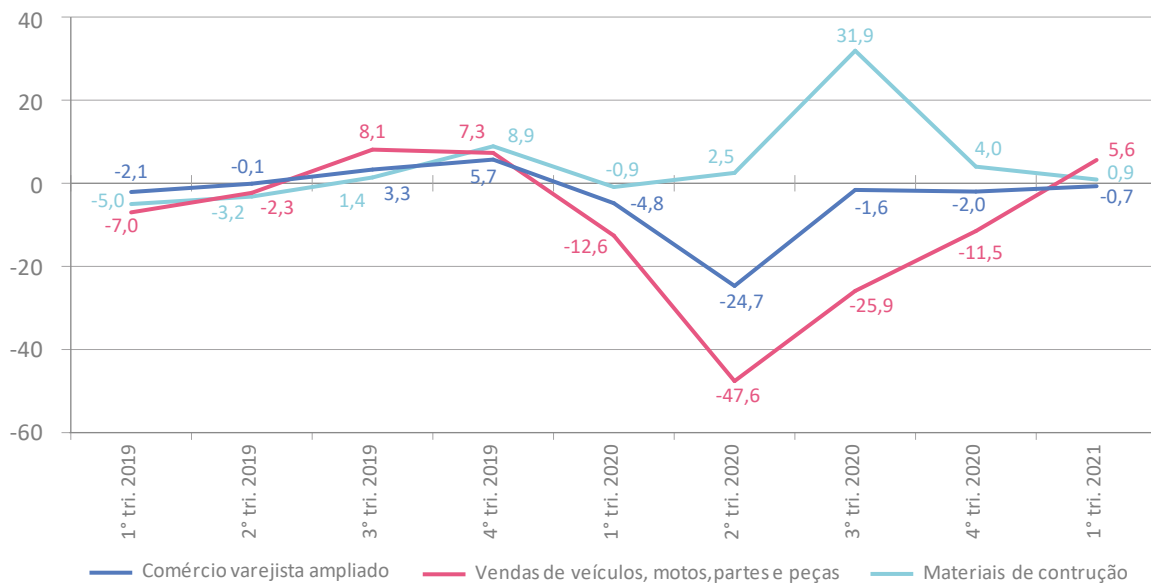
Elaboração: SEI/CAC.

Notas: (1) Compara a variação acumulada do período de referência com igual período do ano anterior.

(2) O indicador do comércio varejista ampliado é composto pelos resultados das atividades numeradas de 1 a 10.

No comércio varejista ampliado, que inclui o varejo e mais as atividades de *Veículos, motos, partes e peças* e de *Material de construção* a retração no primeiro trimestre foi de 0,7%, em relação a igual trimestre do ano anterior. Enquanto, o segmento de *Veículos, motos, partes e peças* e *Material de construção* registraram crescimento de 5,6%, e 0,9%, respectivamente. (Gráfico 3). Em igual comparação, as taxas no país foram positivas em 1,4%, 0,3% e 20,4%, respectivamente.

Gráfico 3
Volume de vendas do comércio varejista ampliado
Bahia – 1º tri. 2019-1º tri. 2021



Fonte: IBGE – Pesquisa Mensal do Comércio.
 Elaboração: SEI/CAC.
 Nota: Variação trimestral.

Na análise interanual, quando observado o comportamento do comércio ampliado e dos segmentos que o compõem, verifica-se que o ritmo de queda do setor foi amenizado, evidenciado na mudança de trajetória das atividades que o compõe.

O comportamento de *Veículos, motos, partes e peças* nesse período reflete um efeito estatístico, uma vez que nos primeiros três meses do ano passado os negócios recuaram em 12,7%. Fortemente influenciada pelo crédito, essa atividade teve suas vendas comprometidas por doze meses consecutivos em razão do “oceano” de incertezas quanto ao comportamento da atividade econômica no país, provocada pela Covid-19. Esse cenário levou as instituições financeiras a restringirem a liberação de crédito, dada a iminente elevação da taxa de inadimplência.

Já *Material de construção* apesar de também ser influenciado pela incerteza, registrando taxas negativas nos três primeiros meses de reconhecimento oficial da pandemia, nos meses subsequentes apresentou crescimentos expressivos, compensando o período em que registrou retração nas vendas. Em jun/2020, a expansão da atividade chegou a 42,1%, em relação a igual mês de 2019, influenciadas pela liberação do auxílio emergencial, flexibilização das medidas de isolamento social na época e uma demanda reprimida. O

comportamento dessa atividade no primeiro trimestre de 2021 indica que a mesma passa por um período de acomodação.

Assim sendo, as expectativas para o segundo trimestre de 2021 é de que o setor continuará refletindo os impactos da pandemia provocada pelo novo Coronavírus, embora não seja na mesma magnitude que o ano passado, pois o país se adaptou mais a esse cenário com soluções de *e-commerce* e *delivery*. Entretanto, na comparação interanual, frente a igual período de 2020, o varejo deverá apresentar taxas positivas, por isso a análise do comportamento do varejo deverá ser feita com cautela. A explicação para esse comportamento está no efeito estatístico, pois no ano passado os meses de abril, maio e junho foram os piores meses desde o reconhecimento da pandemia, resultando numa base de comparação extremamente depreciada.

Outro aspecto a ser ressaltado é que dado o processo inflacionário, os segmentos mais dependentes da renda, possivelmente, continuem sentindo os efeitos do cenário de instabilidade econômica de forma mais intensa do que os que dependem do crédito. Nesse sentido, acredita-se que uma retomada do crescimento nas vendas dependerá de um retorno consistente do otimismo dos consumidores que por sua vez está relacionado com a evolução mais efetiva do mercado de trabalho e do avanço do processo de imunização no país, pois assim, os consumidores serão encorajados para ampliar os seus gastos, principalmente nas atividades com características de atendimento presencial.

Serviços

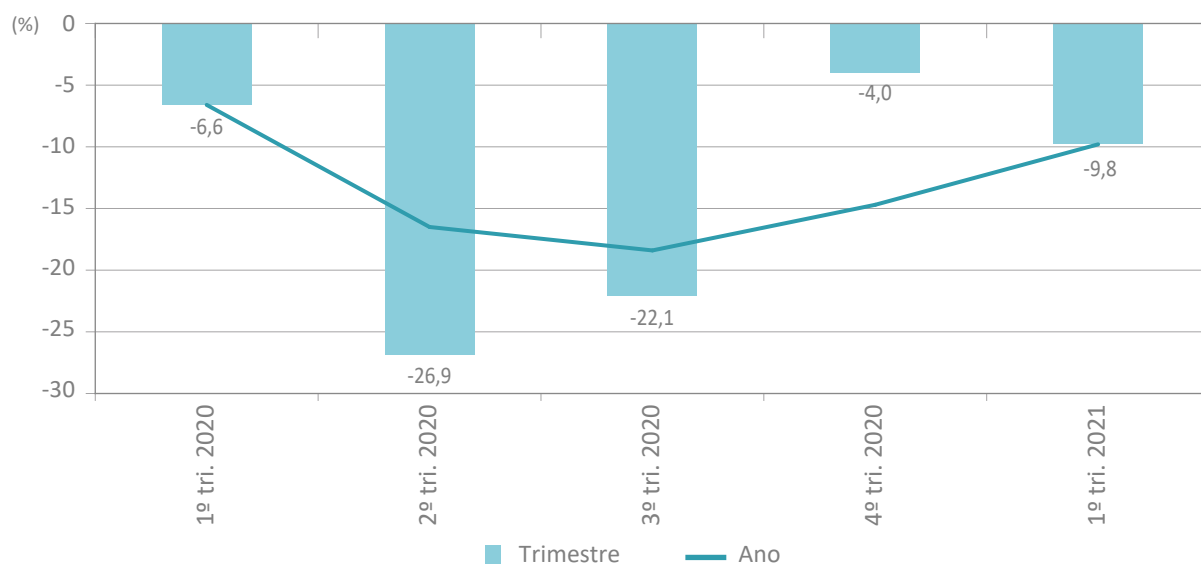
Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços, realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume de serviços na Bahia, quando comparado com o 1º trimestre do ano anterior, marcou retração de 9,8%, mantendo a tendência de retração iniciada no 2º trimestre de 2019 (-1,2%). Portanto, é a oitava taxa negativa consecutiva para esse tipo de comparação, e a quarta variação negativa mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Essa variação também contribuiu negativamente no resultado nacional, que marcou queda de 0,8%. Vale salientar, que nessa análise o setor de serviços nacional voltou para os níveis pré-pandemia e a Bahia ainda não conseguiu um resultado positivo (Gráfico 1).

Gráfico 1

Volume de serviços(1)(2)

Bahia – 1º tri.-4º tri. 2020/1º tri. 2021



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

Todas as atividades puxaram o volume de serviços da Bahia para baixo no 1º trimestre de 2021, em relação ao mesmo período do ano anterior. Com destaque, por ordem de magnitude, os Serviços prestados às famílias (-23,0%), que apontaram importante variação negativa, seguidas pelas atividades de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-9,0%), Serviços profissionais, administrativos e complementares (-6,5%), Serviços de informação e comunicação (-5,8%), e Outros serviços (-5,8%).

Na comparação nacional é importante destacar que 14 das 27 unidades contribuíram negativamente no índice nacional, que caiu 0,8%, no acumulado do 1º trimestre. Por ordem de magnitude, a principal variação negativa ocorreu na Bahia (-9,8%). Na sequência os estados do Rio Grande do Norte (-8,7%), Pernambuco (-8,5%), Sergipe (-8,2%) e Alagoas (-8,0%). Por outro lado, as principais variações positivas vieram do Mato Grosso (10,3%), Santa Catarina (9,4%), Tocantins (7,4%), e Mato Grosso do Sul (6,7%). Nessa comparação a Bahia apontou a variação negativa mais significativa ficando abaixo do Rio Grande do Norte (-8,7%).

No 1º trimestre a receita nominal baiana seguiu o mesmo comportamento do volume, e declinou 10,7%. Nesse exame, todas as atividades puxaram o volume de serviços para baixo, com destaque por ordem de magnitude para os Serviços prestados às famílias (-24,4%) que apontaram a maior variação negativa, seguidas pelas atividades de Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio (-12,8%), as de Serviços de informação e comunicação (-3,9%), as de Serviços profissionais, administrativos e complementares (-3,6%), e as de Outros serviços (-3,6%).

Na comparação nacional 15 das 27 unidades contribuíram negativamente no índice nacional que caiu 0,2%, no acumulado do 1º trimestre, ficando relativamente estável. Por ordem de magnitude, a principal variação negativa ocorreu na Bahia (-10,7%), seguido pelo Distrito Federal (-8,0%), depois Alagoas (-7,7%), Ceará e Rio Grande do Norte (-6,8%). Por outro lado, as principais contribuições positivas vieram de Mato Grosso (11,4%), Santa Catarina (10,3%), Mato Grosso do Sul (10,1%) e Tocantins (8,3%). Nessa comparação a Bahia apontou a variação negativa mais expressiva ficando abaixo do Distrito Federal (-8,0%).

Importante destacar que o primeiro trimestre de 2021 foi marcado pela manutenção do agravamento da pandemia na Bahia, permanecendo algumas medidas de contenção do vírus em algumas cidades, como toque de recolher, suspensão dos meios de transporte e a suspensão do funcionamento dos serviços não essenciais e das festas populares. Também o fim do auxílio emergencial que deixou grande parte das famílias vulneráveis socialmente, sem renda e sem perspectivas, impactou diretamente o setor de serviços.

No final do ano passado a Agência de Fomento do Estado da Bahia (Desenbahia) prevendo o agravamento da pandemia para os meses subsequentes, lançou uma linha de financiamento para socorrer os municípios baianos. Nessa linha o banco financia projetos para o apri-moramento de infraestrutura urbana dos municípios, com o objetivo de contribuir para a geração do emprego e renda, redução das desigualdades sociais e melhoria das condições de vida da população. Dentre os itens financiáveis estão o saneamento básico, drenagem, pavimentação de ruas, aquisição de máquinas e equipamentos, além de práticas e tecnologias que minimizem o impacto sobre o meio ambiente.

No 1º trimestre de 2021 os pequenos empresários baianos puderam contar com o Programa de Microcrédito do Estado (CrediBahia) que abriu, mais um posto de atendimento provisório na Secretaria do Trabalho, Emprego, Renda e Esporte (Setre). O espaço foi idealizado para atender microempreendedores formais e informais interessados em financiamento de capital de giro e fixo com juros de 2% ao mês. No total, serão disponibilizados pela Desenbahia R\$ 100 milhões em linha de crédito especial destinada a 25 mil microempreendedores de todo o estado. Essa foi mais uma ação do governo estadual para amenizar os impactos da pandemia e socorrer quem mais precisa (Secom).

Apesar de o setor ter apresentado baixo dinamismo, o mesmo não ocorreu com o saldo do emprego formal, conforme as informações do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), sistematizadas pela SEI, que no acumulado do 1º trimestre de 2021 criou 16.674 postos de trabalho com carteira assinada seguindo o mesmo comportamento do saldo geral (42.718). No mesmo período do ano de 2020, o saldo do setor foi negativo em 3.590 postos (SEI). O saldo positivo foi puxado pela manutenção dos serviços de delivery para restaurantes, bares e congêneres; serviços relacionados à saúde; e, o retorno às aulas com atividades 100% remotas para às escolas da rede estadual de ensino, impulsionando as atividades relacionadas aos serviços de comunicação e informação, além das atividades relacionadas aos transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio.

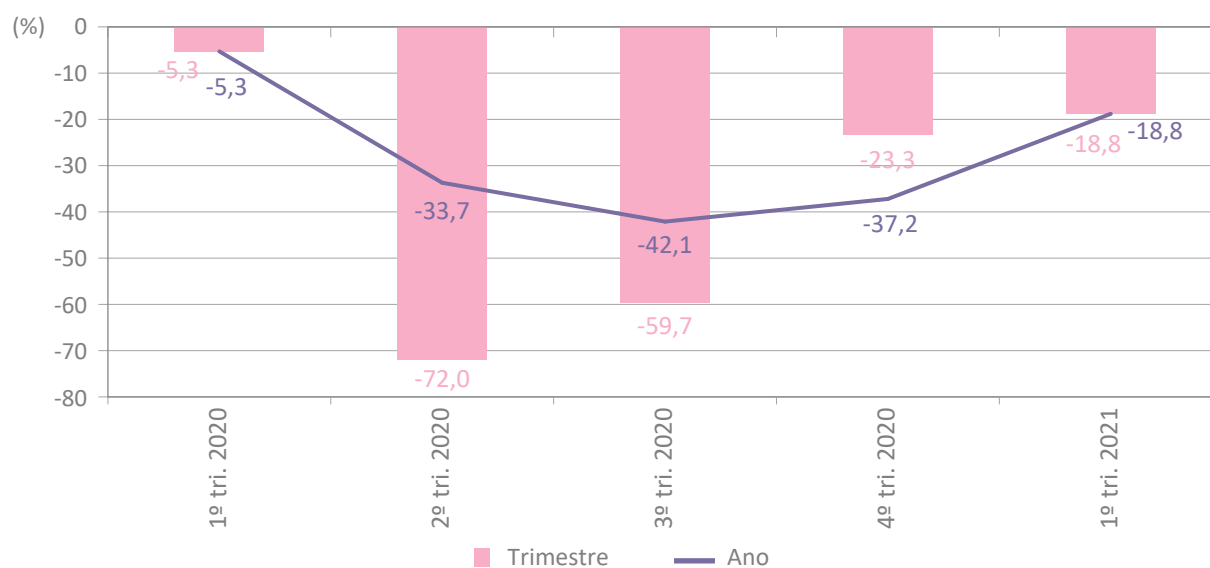
Investimentos públicos e privados são necessários para reaquecer as atividades econômicas, e o setor de serviços depende exclusivamente da união de esforços para minimizar os impactos da crise. Ademais, são muitas variáveis que precisam ser controladas para o retorno da confiança dos consumidores. Com isso, as perspectivas para o 2º trimestre de 2021 não são às melhores, pois deverá ser marcado pela manutenção do agravamento da crise sanitária, levando às autoridades públicas a manterem os decretos de restrições prevendo inclusive, a suspensão dos festejos juninos na Bahia e em todo o Nordeste.

TURISMO

Rosângela Conceição
rosangela@sei.ba.gov.br

De acordo com os resultados da Pesquisa Mensal de Serviços (PMS), realizada pelo IBGE, sistematizados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o volume das atividades turísticas⁶ na Bahia, quando comparado com o 1º trimestre do ano anterior, marcou retração de 18,8%, mantendo a tendência de queda, iniciada no 1º trimestre de 2020 (-5,3%). Essa é a quinta taxa negativa consecutiva, para esse tipo de comparação, e a quarta variação negativa mais expressiva de toda a série histórica, iniciada em janeiro de 2011. Cabe ressaltar, que essa variação ficou acima do índice nacional que retraiu 27,4% (Gráfico 1).

Gráfico 1
Volume das atividades turísticas (1)(2)
Bahia – 1º tri.-4º tri. 2020/1º tri. 2021



Fonte: IBGE. Pesquisa Mensal de Serviços (PMS).

Elaboração: SEI/Distat/CAC.

Notas: (1) Variação do trimestre em relação ao mesmo trimestre do ano anterior.

(2) Variação acumulada no ano em relação ao mesmo período do ano anterior.

6 Agregado especial que abrange as seguintes atividades: serviços de alojamento e alimentação; serviços culturais, de recreação e lazer; locação de automóveis sem condutor; agências de viagens e operadoras turísticas e transportes turísticos (transporte rodoviário de passageiros em linhas regulares intermunicipais, interestaduais e internacionais; trens turísticos, teleféricos e similares; transporte por navegação interior de passageiros, em linhas regulares; outros transportes aquaviários e transporte aéreo de passageiros).

Na comparação nacional, todas as 12 unidades da Federação que foram investigadas marcaram queda, com destaque para São Paulo (-35,6%), Ceará (-34,5%), Rio Grande do Sul (-30,2%), Paraná (-28,1%), Minas Gerais e Distrito Federal (-25,8%), Rio de Janeiro (-23,8%), e Santa Catarina (-22,6%). Nessa análise, a Bahia (-18,8%) apontou a terceira variação negativa menos expressiva entre as unidades da Federação ficando entre Espírito Santo (-14,6%) e Pernambuco (-19,8%).

Seguindo o mesmo comportamento do volume das atividades turísticas, a receita nominal, de todas as 12 unidades registrou decréscimo, com destaque para São Paulo (-36,7%), que apresentou a retração mais acentuada, seguido por Rio Grande do Sul (-35,7%), depois Distrito Federal (-34,7%), Ceará (-34,6%), Paraná (-29,4%), e Minas Gerais (-28,3%). Nessa análise, a Bahia (-24,5%) apontou a quinta variação negativa menos expressiva entre as unidades da Federação ficando entre Rio de Janeiro (-27,0%) e Santa Catarina (-24,3%). Vale salientar que essa variação ficou acima do índice nacional que retraiu 30,1%.

A retração observada nas atividades turísticas da Bahia foi marcada, principalmente pelo agravamento da pandemia no estado, em que foi necessária a aplicação de medidas de contenção, como o toque de recolher na maioria das cidades, cancelamento da tradicional Festa do Senhor do Bonfim, anulação do ponto facultativo da data comemorativa do Carnaval, interrupção da Festa de Iemanjá, suspensão das festas populares, além do fechamento das praias. Essas medidas inibiram a chegada de turistas para o estado, principalmente os turistas internacionais, confirmado pelo registro de zero passageiro para o mês de março nos aeroportos da Bahia.

Fica evidente quanto o turismo baiano vem sofrendo desde o surgimento da crise sanitária do Coronavírus, por isso os investimentos públicos e privados voltados para o setor são imprescindíveis para evitar um colapso. O governo do estado, juntamente com a Secretaria de Turismo (Setur-Ba) vem reunindo esforços nesse sentido, com obras realizadas com os recursos do Programa Nacional de Desenvolvimento do Turismo (Prodetur), linhas de crédito da Agência de Fomento do Estado da Bahia (Desenbahia) para os empresários do ramo e o planejamento voltado para a retomada de municípios baianos ao Mapa do Turismo Brasileiro. De acordo com informações fornecidas pelo Ministério do Turismo (Mtur) à Setur-BA, o processo de revisão do mapeamento, realizado a cada dois anos, deve ser realizado no segundo semestre. Atualmente, o estado conta com 133 municípios no mapa, em 13 Regiões Turísticas. Quanto mais municípios forem reunidos para fazerem parte desse mapa, mais visível estará o turismo da Bahia.

Com isso, as perspectivas para o 2º trimestre de 2021 não são às melhores, pois o trimestre será marcado pela manutenção do agravamento da crise sanitária, levando às autoridades públicas a manterem os decretos de restrições prevendo inclusive, a suspensão dos festejos juninos na Bahia. É certo, que esse impacto será amenizado em relação a variação observada no trimestre equivalente ao ano de 2020, uma vez que existe a possibilidade de algumas cidades baianas realizarem o São João por meio de lives, a exemplo da cidade de Santo Antônio de Jesus que não quer perder a tradição. Contudo, muitas cidades estão com dificuldades financeiras para arcar com esses custos, demandando a intervenção do governo estadual no sentido de incentivar e financiar essas lives, o que ajudaria o setor cultural que está em colapso. Uma combinação perfeita, lives do São João com toque de recolher.

COMÉRCIO EXTERIOR

Arthur Souza Cruz Junior
arthurcruz@sei.ba.gov.br

Geraldo Alencar Serra Neto
geraldoserra@sei.ba.gov.br

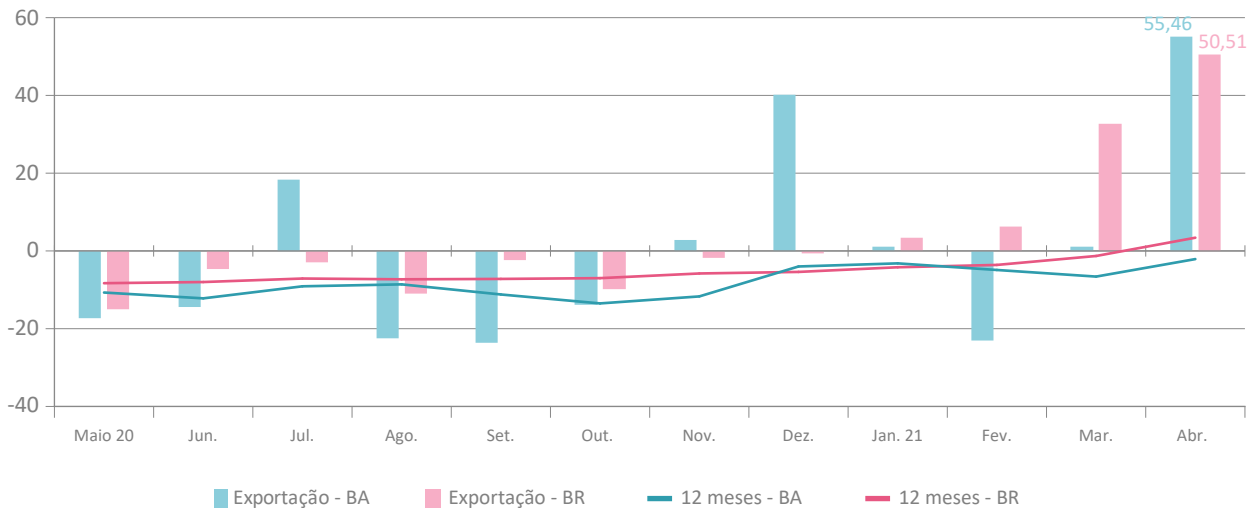
O comércio mundial após contração de 5,3% em 2020 indica que está pronto para uma retomada forte neste ano, porém desigual. Além disso, há riscos de curto prazo que estão ligados à produção e distribuição insuficientes de vacinas contra a Covid-19 e ao surgimento de novas variantes do vírus. Novas estimativas da Organização Mundial do Comércio (OMC) – apontam para 2021 alta de 8% do comércio mundial em volume de mercadorias, melhorando as projeções de outubro do ano passado que eram de crescimento de 7,2%.

A projeção para 2021 se baseia em crescimento esperado de 5,1% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial, após a contração de 3,8% no ano passado. Em 2021, a demanda deverá ser dominada pela América do Norte, com alta de 11,4% turbinada pelas fortes medidas de estímulo adotadas pelos Estados Unidos (EUA). O otimismo com o comércio exterior vem na esteira, portanto, da recuperação da China e da surpresa com os Estados Unidos, que também devem crescer no ritmo chinês, acima de 6%, neste ano, cujo efeito positivo pode repercutir em vários setores, beneficiando o Brasil mesmo que indiretamente.

A combinação de preços de commodities em alta, perspectiva de recuperação acelerada de mercados compradores, depreciação cambial e revisão da metodologia de contabilização de exportações e importações pelo Ministério da Economia resultou em nova elevação da projeção de superávits comerciais deste ano em relação a março, quando as estimativas já indicavam saldos robustos. A mediana para as projeções de saldo comercial ao fim de 2021 passou de US\$ 55,25 bilhões em março para US\$ 60 bilhões neste mês. Em março, nove dentre 19 bancos e consultorias consultados indicam superávit de US\$ 70 bilhões ou mais, nível que superaria o recorde de US\$ 67 bilhões na balança comercial anual. A Secretaria de Comércio Exterior (Secex) estima US\$ 89,4 bilhões.

O reflexo já é sentido nas exportações baianas, que impulsionadas pela alta em seus preços (a maioria commodities), que se elevaram em média 33,4% no quadrimestre, comparados ao mesmo período de 2020, puxaram as vendas externas em 7,5%, no período, com destaque para soja, derivados de petróleo, produtos metalúrgicos e minerais. Os volumes embarcados avançaram muito menos em alguns segmentos e chegaram a registrar baixa no total do período (-19,4%), em função do atraso na colheita das lavouras de soja nos primeiros dois meses de 2021 e dos embarques menores de derivados de petróleo. No total, o volume embarcado até abril teve queda de 19,4% na mesma base de comparação.

Gráfico 1
Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Exportações
Bahia/Brasil – 2020/2021



Fonte: Secex/Ministério da Economia.
 Elaboração: SEI/CAC.
 Dados coletados em 14/05/2021.

As commodities já respondem por mais de dois terços das exportações baianas. Nos quatro meses até abril, as vendas externas de bens primários equivaleram a 83% do total exportado no período, num cenário marcado pela alta significativa dos preços desses produtos, devido à força da demanda externa, especialmente da China e dos EUA. Para ter uma ideia do avanço das commodities na pauta exportadora, esse percentual era de 60,5% em 2005.

O aumento de preços das commodities no quadrimestre de 2021 foi de 38% em relação ao mesmo período de 2020. Quando se analisam os índices de preços de exportações das commodities baianas, destacam-se o negócio do cobre e outros produtos metalúrgicos, com alta de 81,3%, soja e derivados com incremento de 32%, derivados de petróleo, minerais e algodão com elevações respectivas de 52,5%, 42,1 e 5,4%, na mesma comparação. Os preços das não commodities cresceram também, mas em um percentual bem inferior, de 1,6%. Essa pressão de preços de commodities deve perdurar no decorrer de 2021.

Tabela 1
Exportações baianas – principais segmentos
Jan. - abr. 2020/2021

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	298.042	385.554	29,36	14,85	31,95
Papel e Celulose	363.938	344.122	-8,01	13,25	-8,12
Petróleo e Derivados	508.456	329.136	-35,27	12,67	52,51
Químicos e Petroquímicos	283.362	308.645	8,92	11,89	12,60
Metalúrgicos	149.977	249.178	66,14	9,60	81,29
Algodão e Seus Subprodutos	164.985	224.737	36,22	8,65	5,41
Minerais	67.833	174.156	156,74	6,71	42,09
Metais Preciosos	154.634	173.306	12,08	6,67	-32,91
Cacau e Derivados	66.120	71.999	8,89	2,77	-5,07
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	85.712	71.038	-17,12	2,74	-2,94
Café e Especiarias	45.878	56.057	22,19	2,16	-9,21
Demais Segmentos	226.104	208.914	-7,60	8,04	133,34
Total	2.415.040	2.596.843	7,53	100,00	33,44

Fonte: Mdic/Secex.

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 06/05/2021.

Já na análise trimestral, no primeiro trimestre de 2021 e ainda sob o impacto do atraso da colheita de soja, as exportações do estado tiveram recuo de 6,3%, ante o primeiro trimestre de 2020 alcançando US\$ US\$ 1,76 bilhão, como também em relação ao quarto trimestre de 2020 – queda de 22%, nesse caso, pesando os impactos da sazonalidade. A elevação dos preços das commodities e a desvalorização do real contribuíram para melhorar o desempenho exportador no trimestre. Os destaques no período foram para as vendas de produtos metalúrgicos que cresceram 78%, químicos (3%), algodão (31%) e de minerais (145%), todos comparados a igual trimestre do ano anterior.

Os países asiáticos lideram os mercados de destino com 50% de participação no total de vendas até abril. Mas, outros parceiros econômicos da Bahia importantes, que demandam produtos locais, como Estados Unidos (+17,4%), Argentina (+15,4%) e União Europeia (+6,5%), também vivem em um contexto de recuperação econômica, resultando numa demanda crescente de diversos produtos da pauta estadual.

O conjunto de dados pode significar o início de uma reversão de ciclo de redução do fluxo comercial, que se expandiu 20,1% no quadrimestre, com aproveitamento da retomada do comércio mundial. Em tempos de pandemia e de medidas de restrição à circulação de pessoas, a exportação gera oportunidades de negócios, com efeitos domésticos positivos na geração de riqueza e renda.

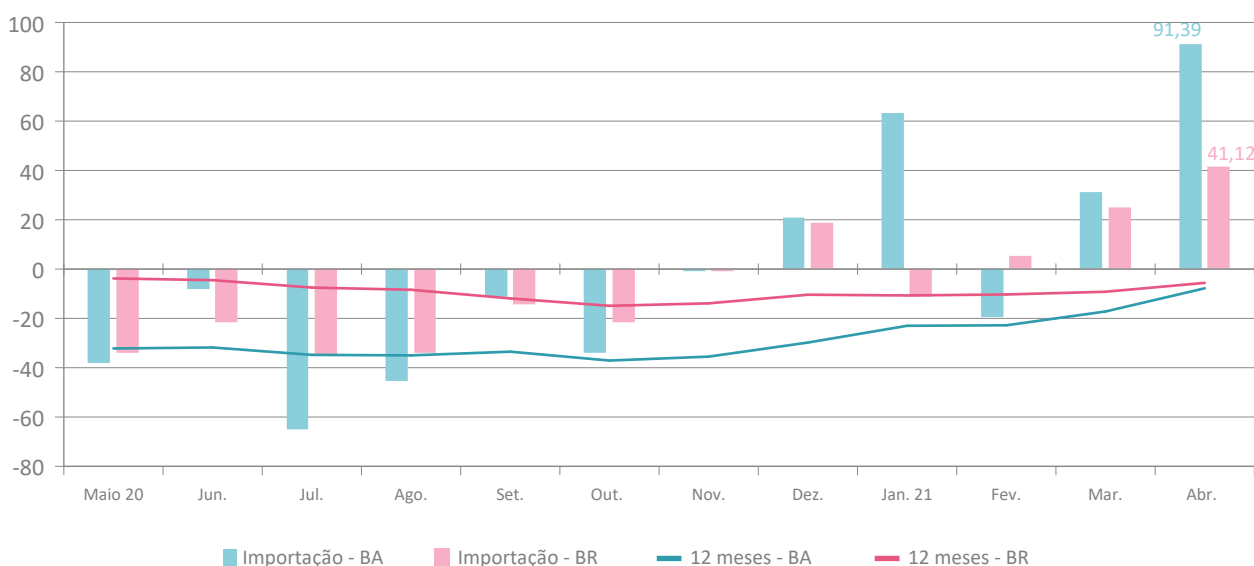
IMPORTAÇÕES

As importações alcançaram até abril US\$ 2,43 bilhões e aumentaram 37,3%, em relação a igual período de 2020. Também sob o efeito da base baixa de comparação, as compras externas foram puxadas, principalmente, por combustíveis e pela recomposição de insumos que sofreram desabastecimento no mercado externo e interno. Isso aconteceu mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece em um momento de recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de alguma reação na atividade econômica.

Gráfico 2

Variação do Crescimento do Comércio Exterior – Importações Bahia/Brasil – 2020/2021



Fonte: Secex/Ministério da Economia
Elaboração: SEI.
Dados coletados em 14/05/2021.

No quadrimestre, a importação foi puxada pelos combustíveis, que cresceu 79%, sobretudo de nafta (61,8%) e de Gás Natural Liquefeito (GNL), de 196,2% e de bens intermediários, que avançaram 29%, com destaque para minério de cobre (50,5%), óleos de palmiste (157,7%) e fertilizantes (102%).

O avanço no nível da importação de intermediários se deve ao processo de normalização do desabastecimento de insumos em período recente, principalmente por parte da indústria química e metalúrgica.

Essas duas categorias de atividade responderam por 88,3% do total dos desembarques. Como já afirmado, as compras foram puxadas, principalmente, por recomposição de insumos que sofreram desabastecimento no mercado externo e interno. Isso aconteceu mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

Ainda há muita instabilidade em função da pandemia e "é difícil" saber se o movimento irá perdurar. A continuidade e ritmo desse movimento ainda dependem do câmbio e da recuperação da demanda doméstica.

Tabela 2
Importações baianas por categoria de uso
Jan. - abr. 2020/2021

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	1.014.292	1.308.706	29,03	53,88
Combustíveis e lubrificantes	467.759	837.090	78,96	34,46
Bens de capital	218.299	196.925	-9,79	8,11
Bens de consumo duráveis	24.908	48.570	95,00	2,00
Bens de consumo não duráveis	41.357	37.564	-9,17	1,55
Bens não especificados anteriormente	2.974	2	-99,94	0,00
Total	1.769.588	2.428.856	37,26	100,00

Fonte: MDIC/Secex.

Elaboração: SEI.

Dados coletados em 06/05/2021.

Nota: importações efetivas, dados preliminares.

As compras de bens de capital registraram queda de 9,8% no quadrimestre, embora tenha sido registrado aumento expressivo nas compras de módulos solares (997%) e outros equipamentos para a indústria de energia renovável, segmento que permanece investindo e se projetando na economia estadual.

O volume (*quantum*) importado pelo Estado até abril registrou crescimento de 55,6% - o que denota os reflexos da retomada da atividade econômica interna. Os preços médios, entretanto, dos produtos importados acusaram redução de 11,8% no período, o que favorece os termos de troca, visto que houve incremento de 33,4% nos preços dos produtos exportados pelo estado.

Uma eventual recuperação mais forte da atividade econômica (já descartada no primeiro semestre) pode elevar as importações, mesmo com taxa de câmbio muito depreciada. Elas também podem ainda ter impacto de preços pressionados em razão de desabastecimentos na cadeia global.

Os EUA permaneceram na liderança como principal fornecedor de produtos ao estado até abril, com US\$ 576,4 milhões, 117% de crescimento e 23,7% de participação (combustíveis, produtos químicos, fertilizantes, automóveis e suas partes e peças). Seguem-se a China com US\$ 356,6 milhões e 14,7% de participação (células solares, motores, equipamentos eletrônicos, bens de consumo, cabos de fibra óptica e químicos) e a Espanha com US\$ 217,8 milhões, 15,5% de crescimento e 9% de participação (nafta, querosene, grafita, cobre e máquinas e aparelhos mecânicos).

Com os resultados do quadrimestre, a Bahia acumulou um superávit de US\$ 168 milhões em sua balança comercial, resultado de exportações de US\$ 2,6 bilhões, aumento de 7,5% e de importações de US\$ 2,43 bilhões, incremento de 37,3%. A corrente de comércio (soma das exportações e importações) chegou a US\$ 5 bilhões com crescimento de 20,1% sobre igual período de 2020.

FINANÇAS PÚBLICAS

João Gabriel Vieira
joaovieira@sei.ba.gov.br

Poliana Peixinho
poliana@sei.ba.gov.br

Marília Jane Campos
mariliajane@sei.ba.gov.br

Os dados econômicos do país no primeiro trimestre de 2021 mostram que apesar da segunda onda de contágio da Covid-19, dos menores estímulos fiscais e da previsão de redução de recursos do auxílio emergencial à população, esses efeitos produziram menos impacto do que o previsto sobre a produção e consumo.

Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a economia voltou ao patamar da pré-pandemia, obtendo avanço de 1,2% nos três primeiros meses do ano. Esse crescimento está atrelado ao desempenho positivo da agropecuária, indústria e serviços. Como o crescimento econômico favorece a ampliação das bases tributáveis, isso incentiva a arrecadação, o que de certo modo, em períodos de retração do Produto Interno Bruto (PIB) ou baixo crescimento, as bases tributáveis tendem a diminuir, afetando assim as elasticidades da arrecadação, dentro dos movimentos da atividade econômica. A recuperação da atividade econômica no primeiro trimestre de 2021 gerou um incremento, em termos reais, nos seguintes tributos: Imposto de Importação (II) (+33,9%); Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) (+34,1%); Imposto sobre a Renda (IR) (+9,6%); Contribuição para o Financiamento da Seguridade Social (Cofins) (+8,9%); Programa de Integração Social (PIS) / Programa de Formação do Patrimônio do Servidor Público (Pasep) (+9,0%); e, Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL) (+14,9%).

No que tange às finanças do estado, observou-se que se comparadas ao primeiro trimestre de 2020 houve uma leve evolução entre as mais importantes fontes de receitas, formadas pelos recursos do Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), e pelos repasses das transferências do Fundo de Participação dos Estados (FPE). Apesar de ainda persistirem os efeitos da crise pandêmica, o ICMS teve um acréscimo de 6,25 bilhões para 7,3 bilhões se comparado o primeiro trimestre de 2020 e o mesmo período de 2021, o que reflete um aumento nominal de R\$ 1,14 bilhão ou 18% de incremento, na arrecadação do estado. Isso evidencia sinais de recuperação econômica, possivelmente proporcionadas pelas ações de imunização, iniciadas em janeiro de 2021, o que acaba dando maior segurança e amplitude nos processos produtivos, comércio e serviços.

E, apesar dessas ações ainda estarem aquém das demandas da população, elas se configuram como de extrema urgência, tanto para manutenção e preservação da vida (principalmente dos mais vulneráveis) como para viabilizar a recuperação econômica do país. Sobre os repasses do FPE, a Bahia teve um incremento de 16%, saindo de R\$ 2,6 para R\$ 3,04 bilhões do primeiro trimestre de 2020, para igual período em 2021. Como a cesta de recursos que compõe as transferências de Fundo de Participação dos Estados advém do Imposto sobre a Renda e Imposto sobre Produtos Industrializados da União, o aumento ou diminuição da atividade econômica acaba refletindo nesses repasses. E conforme observado anteriormente, os efeitos positivos na arrecadação do IPI e do IR, no campo nacional, possivelmente afetaram sobremaneira esses repasses.

PRODUTO INTERNO BRUTO (PIB)

João Paulo Caetano Santos
joaopaulo@sei.ba.gov.br

Denis Veloso
dveloso@sei.ba.gov.br

Carol Vieira
carolvieira@sei.ba.gov.br

Economia Baiana recua 0,5% no primeiro trimestre de 2021

Com ajuste sazonal, PIB baiano cresce 1,0%

Segundo os dados divulgados pela Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), o nível de atividade econômica - Produto Interno Bruto (PIB) – recuou 0,5% no primeiro trimestre de 2021 em comparação ao mesmo período do ano anterior. Considerando-se a série com ajuste sazonal (1º trimestre de 2021 em comparação com o 4º trimestre de 2020), o resultado foi positivo em 1,0%. Essa expansão mostra que a atividade econômica baiana está em recuperação, visto que nos dois trimestres anteriores também se observou crescimento nesse tipo de comparação.

Tabela 1
PIB trimestral
Bahia – 2021(1)

Períodos	Taxas (%)
1º tri 2021/1º tri 2020	-0,5%
1º tri 2021/4º tri 2020 (sazonal)	1,0%

Fonte: SEI.

Nota: (1) dados sujeitos a retificação.

PIB em valor corrente

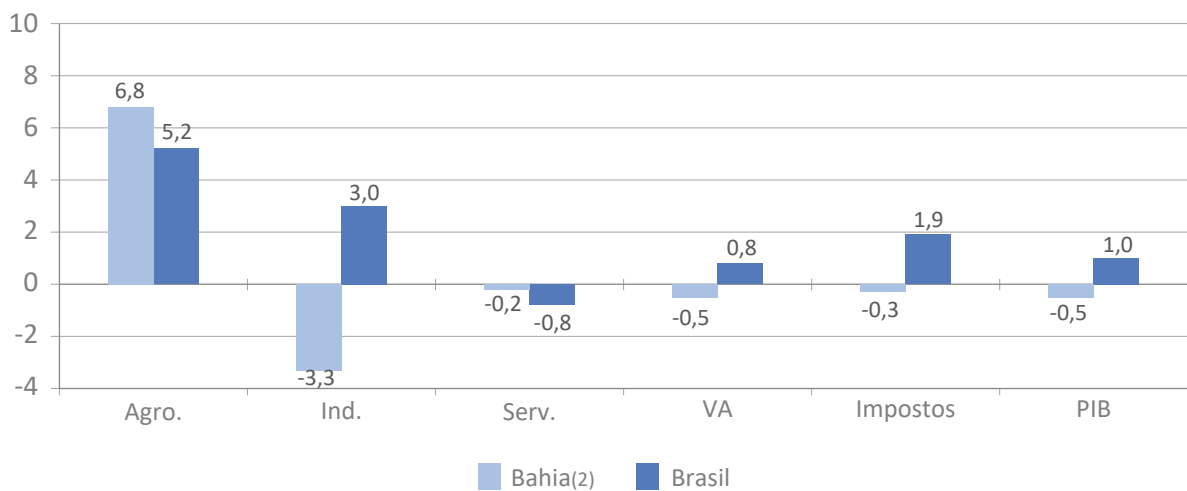
No 1º trimestre de 2021, o PIB totalizou R\$ 86,4 bilhões, sendo R\$ 75,8 bilhões referentes ao Valor Adicionado (VA) a preços básicos e R\$ 10,6 bilhões aos Impostos sobre Produtos Líquidos de Subsídios. No que diz respeito aos grandes setores, a *Agropecuária* apresentou Valor Adicionado de R\$ 7,5 bilhões, a *Indústria* R\$ 18,0 bilhões e os *Serviços* R\$ 50,3 bilhões.

1º TRIMESTRE DE 2021

quando comparado ao mesmo período do ano anterior, o PIB da Bahia apresentou retração de 0,5% no primeiro trimestre de 2021, conforme dados divulgados pela SEI. O Valor Adicionado apresentou variação negativa (-0,5%) e os Impostos sobre Produtos Líquidos de

Subsídios caíram 0,3%. Os setores com as maiores participações na economia baiana foram os responsáveis pelo resultado negativo do PIB: os serviços registraram retração de 0,2% e a Indústria queda de 3,3%. O destaque positivo ficou com a agropecuária avançando 6,8%.

Gráfico 1
Varição das atividades do Produto Interno Bruto
Bahia/Brasil – 1º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE.

Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

GRANDES SETORES

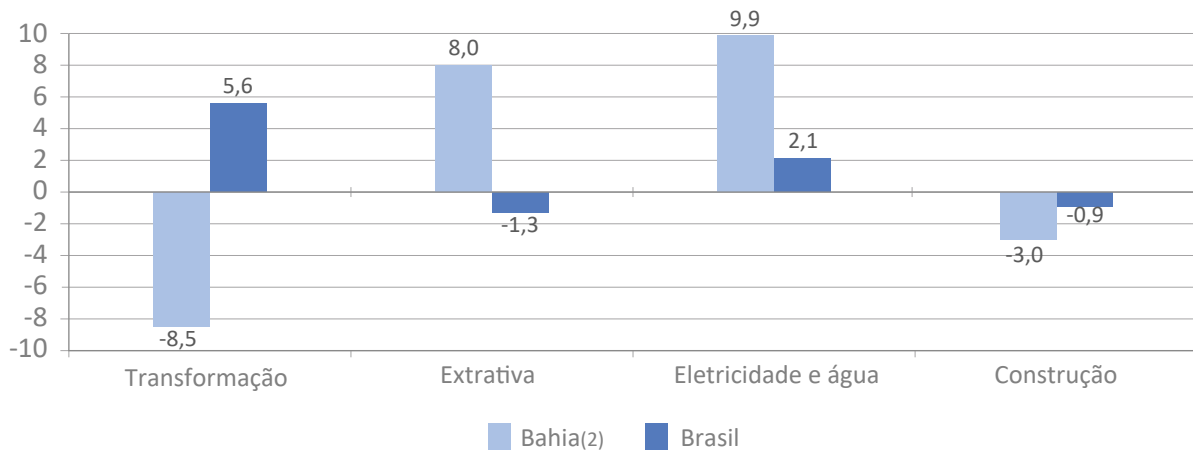
Agropecuária

o crescimento em volume do setor agropecuário baiano nos três primeiros meses do ano foi de 6,8%. Destaques para as taxas de crescimento da soja e cana-de-açúcar. Estas elevadas taxas devem-se à confiança dos produtos associadas às condições climáticas favoráveis em todo o estado. O resultado positivo é devido ao bom desempenho da agricultura com participação de quase 70% do setor. A expansão da agropecuária está atrelada ao bom desempenho da soja e da cana-de-açúcar, que são culturas relevantes para o primeiro trimestre, segundo o calendário agrícola do estado.

Indústria

A taxa do setor industrial da Bahia foi de -3,3%. As maiores retrações foram observadas nas atividades da Indústria de Transformação (-8,5%) e na Construção Civil (-3,0%). Além dessas atividades, a Eletricidade e água mostraram excelente desempenho registrando uma variação positiva de 9,9%. As Indústrias Extrativas obtiveram alta de 8,0%.

Gráfico 2
Variação das atividades da Indústria
Bahia/Brasil – 1º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE.

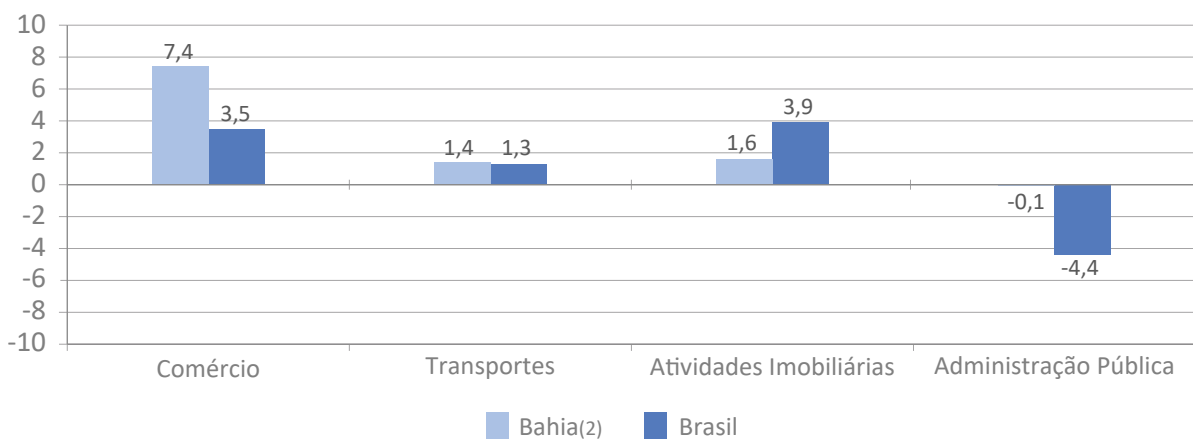
Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

Serviços

no que tange ao VA do setor de serviços, observou-se queda em volume de 0,2% no primeiro trimestre de 2021, ante o mesmo período anterior, influenciada pela administração pública (-0,1%) e outros serviços (-4,6%). Isso representou mais que 50% do setor, apesar das altas do comércio (+7,4%) e transportes (+1,6%).

Gráfico 3
Variação das atividades de Serviços
Bahia/Brasil – 1º tri. 2021(1)



Elaboração: SEI/IBGE.

Nota: (1) em relação ao mesmo período do ano anterior.

(2) dados sujeitos a retificação.

Mercado de Trabalho

Luiz Fernando Araújo Lobo
luizlobo@sei.ba.gov.br

No mercado de trabalho, há sinais contraditórios vindos de suas bases de dados. As informações provenientes do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua) vêm apontando cenários destoantes entre si. No entanto, até o momento, a despeito dos resultados alvissareiros revelados pelos dados oficiais do Caged via Secretaria Especial da Previdência e Trabalho (estrutura originada do rebaixamento do antigo Ministério do Trabalho), não há como atestar, de forma irrestrita, que o ritmo de qualquer recuperação do emprego e da renda (que possa estar sendo vislumbrado) esteja alicerçado em forças estruturais suficientes para se sustentar e, muito menos, para se expandir – pelo menos, não no curto prazo.

Na Bahia, como ocorrido no terceiro e no quarto trimestres de 2020, quando 28.901 e 26.953 novas vagas foram abertas, respectivamente, os números do trimestre mais recente, revelados pelo Caged, também surpreenderam positivamente, superando, até mesmo, as expectativas mais otimistas. De janeiro a março, o montante de vínculos regidos pela Consolidação das Leis do Trabalho incorporou 42.718 novos registros, completando três trimestres seguidos com geração líquida de postos e amparando o maior saldo para um primeiro trimestre no estado desde o computado em 2010 (+44.916 postos). Mais do que isso, o referido intervalo, ao evidenciar considerável expansão do nível de emprego formal, registrou a melhor apuração trimestral desde o constatado no segundo trimestre de 2011 (+43.745 postos).

Dadas as circunstâncias atuais, com um novo epicentro temporal da crise do novo coronavírus, não se pode deixar de notar que o excelente resultado do conjunto dos três primeiros meses deste ano no estado foi mesmo no mínimo espantoso – ainda mais dado o pouco tempo do pior resultado trimestral desde o início da década passada pelo menos, uma perda líquida de 59.849 vagas no segundo trimestre de 2020. Assim, o que se constata, de acordo com o Caged, é que todos os postos de trabalho com carteira assinada eliminados no primeiro semestre do ano passado não somente foram recuperados como muitos outros foram gerados até março passado.

A dinâmica com mais admissões do que desligamentos foi apurada em cada um dos meses do primeiro trimestre de 2021 na Bahia. O mês de fevereiro foi o de maior saldo, com 18.503 novas vagas – revelando-se, também, o melhor resultado mensal desde o verificado em maio de 2010 (+19.682 postos). Os meses de janeiro e março testemunharam excedentes menos destacados, com surgimento de 14.395 e 9.820 novos postos, respectivamente – mantendo, no entanto, um nível de geração considerável ao longo do trimestre. Além do mais, em termos

de saldo, vale destacar que cada um desses três meses evidenciou um desempenho muito superior ao do mês correspondente do ano anterior.

O saldo de empregos com registro em carteira também foi positivo para o país como um todo no primeiro trimestre de 2021, com 837.074 postos a mais. Ademais, todas as regiões geraram postos de trabalho, com o Sudeste evidenciando a melhor situação em termos absolutos e o Norte exibindo a cena menos favorável. Das unidades da Federação, houve surgimento líquido em 24 delas. No *ranking* nacional, do maior ao menor saldo, a Bahia, com acréscimo de 42.718 oportunidades ocupacionais, ficou na sexta posição, duas colocações acima da verificada no trimestre anterior. Entre os estados nordestinos, a Bahia mostrou o melhor desempenho, enquanto Alagoas (-9.534 postos) exibiu o menor saldo regional no período.

Conforme os dados do Caged, a Bahia iniciou o ano dispondo de um estoque de 1.703.075 empregos com carteira assinada. Ao final dos primeiros três meses do ano, entretanto, esse montante se ampliou em aproximadamente 2,5%, fruto do surgimento de 42.718 vínculos nesse espaço de tempo – contribuindo para suplantar a perda líquida de 8.812 postos no ano passado e renovar o entusiasmo quanto ao processo de reabilitação vivenciado nos anos de 2018 e 2019, quando emergiram 30.746 e 30.858 novos postos, nessa ordem. Com esse resultado, tornou-se muito mais factível neutralizar as perdas dos anos da última crise, quando quase 150 mil postos celetistas foram encerrados – especificamente 76.090 e 73.067 postos em 2015 e 2016, respectivamente.

A dilatação no mercado de trabalho formal baiano no primeiro trimestre do ano alcançou todos os estratos setoriais, já que não houve eliminação líquida de postos em qualquer um deles. A atividade de *Serviços*, de longe, destacou-se com o desempenho mais proeminente entre as cinco categorias, com a contratação líquida de 16.674 trabalhadores no período. A *Indústria geral*, com 9.737 novas vagas, também indicou um saldo relativamente estendido. Em seguida, com saldos positivos bem menos protuberantes, por ordem decrescente, vieram os setores da *Construção* (+6.727 postos), do *Comércio* (+6.495 postos) e da *Agropecuária* (+3.085 vagas). Assim, portanto, nenhum grupamento de atividade econômica chegou a registrar um número maior de fechamentos do que de aberturas de postos no citado intervalo no estado⁷.

7 Por praticidade, houve simplificação de algumas categorizações. Os grupamentos *Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura* e *Comércio, reparação de veículos automotores e motocicletas* foram denominados simplesmente como *Agropecuária* e *Comércio*, nessa ordem.

A Pnad Contínua, por outro lado, revelou uma realidade laboral muito debilitada no primeiro trimestre do ano no estado. A desocupação, por exemplo, atingiu 21,3% da população na força de trabalho no referido trimestre – nada menos que a maior taxa desde o começo da pesquisa, renovando o pico estabelecido dois trimestres antes, quando estava em 20,7%. No Brasil e no Nordeste, a taxa ficou em 14,7% e 18,6%, respectivamente – valores que também ocuparam o maior patamar de cada série correspondente. Entre as unidades da Federação, a Bahia exibiu o índice mais elevado pela oitava vez em sequência. Desta vez, no entanto, o posto foi dividido com Pernambuco, que exibiu taxa semelhante. Na outra ponta, Santa Catarina (6,2%) apresentou a menor estimativa. Em terras baianas, portanto, o referido indicador foi mais do que o triplo do observado em território catarinense nos primeiros três meses deste ano.

Em 2020, na Bahia, o percentual de desocupados na força de trabalho se elevou seguidamente até o terceiro trimestre. No último intervalo daquele ano, porém, essa trajetória a montante foi descontinuada e o mencionado indicador exibiu um recuo de 0,7 ponto percentual, descendo a 20,0%. Entretanto, no começo deste ano, a referida taxa voltou a subir e alcançou 21,3%, um aumento de 1,3 ponto percentual – suficiente para suplantar a leve retração observada no trimestre antecedente e, ainda, nutrir o movimento de alta delineado durante o ano passado. Essa guinada altista resulta tanto de um comportamento próprio do mercado de trabalho baiano em início de ano (em parte, associada a fatores sazonais) quanto dos efeitos devastadores da crise sanitária do novo coronavírus, fortalecida por uma nova onda em todo território brasileiro.

No intervalo em análise, o mercado de trabalho baiano se deparou com queda na ocupação e alta na desocupação – movimentos que convergiram para a subida da taxa de desocupação no estado. Assim, após ter aumentado recentemente, o contingente de ocupados voltou a cair. Com o terceiro menor nível da série, a população ocupada foi estimada em 5,135 milhões, representando um recuo de 9,9% (-565 mil pessoas) em contraponto à do mesmo período de 2020 e de 1,0% (-53 mil) comparativamente à do trimestre anterior. Esse montante, por sinal, já foi de 6,432 milhões quando em seu auge, no último trimestre de 2014. A população desocupada ficou em 1,386 milhão de indivíduos, maior quantitativo registrado na série – indicando uma alta de 6,9% (+90 mil) frente à do quarto trimestre de 2020 e de 5,7% (+75 mil) em relação à do mesmo conjunto de meses de um ano antes. No entanto, com uma maior população em idade de trabalhar, importante ressaltar que a alta anual da desocupação só não foi mais expressiva por conta do crescimento do contingente fora da força de trabalho.

Importante pontuar também que, após duas quedas sucessivas em relação ao trimestre imediatamente anterior, o conjunto dos informais completou três altas subsequentes no trimestre mais recente. O quantitativo de formais, por sua vez, voltou a encolher após ter expandido. Por fim, o trimestre de janeiro a março de 2021 contabilizou 2,762 milhões de ocupados na informalidade e 2,374 milhões na formalidade. O grau de informalidade no mercado de trabalho baiano, dessa forma, ficou em 53,8%, ao passo que era de 52,9% tanto no mesmo trimestre de um ano antes quanto no quarto trimestre de 2020. No Brasil como um todo, 39,6% dos trabalhadores se encontravam na informalidade de janeiro a março deste ano.

Há ainda outras constatações, no bojo da Pnad Contínua, que ajudam a desnudar o grau de deterioração do mercado de trabalho baiano nesse primeiro trimestre de 2021 como, por exemplo: o nível da ocupação e a taxa de participação ainda eram a terceira e a quarta menores marcas da história, respectivamente; a população fora da força de trabalho se mostrou a quarta maior da série; o número de empregados com carteira assinada recuou e atingiu o segundo menor nível; a taxa composta de subutilização da força de trabalho cresceu e alcançou o segundo maior percentual da série, de 44,8%; a população de desalentados, novamente a mais volumosa do país, foi o quinto maior montante da série no estado, uma estimativa de 785 mil pessoas; e a massa de rendimento real de todos os trabalhos habitualmente recebido por mês pelas pessoas ocupadas sofreu a quarta queda consecutiva e chegou ao menor volume já registrado (sendo que o rendimento médio de todos os trabalhos na Bahia foi o terceiro mais baixo entre as unidades federativas).

Enfim, ainda que os impactos econômicos da segunda onda da Covid-19 estejam sendo menores do que os desencadeados pela primeira onda, não se pode fugir do entendimento de que as economias brasileira e baiana ainda enfrentarão uma conjuntura bastante desfavorável, marcada por dificuldades em algumas atividades produtivas e no emprego. Assim, mesmo que o país não seja atingido por uma nova onda de contágio e morte por conta do novo Coronavírus e a vacinação avance significativamente (no que ainda não se pode apostar), é preciso compreender que o progresso econômico e a retomada do emprego e da renda não se darão de forma ampla, disseminada e veloz. Afinal, o surto da Covid-19 em território brasileiro não se constitui como única causa da fragilização e deterioração da atividade econômica.